

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO**

LUIZ FERNANDO DURAN IÓRIO

**A LINGUAGEM, A VOZ DO INTERDITO E O DESEJO:
A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA TEORIA DE JACQUES LACAN**

CURITIBA

2018

LUIZ FERNANDO DURAN IÓRIO

**A LINGUAGEM, A VOZ DO INTERDITO E O DESEJO:
A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA TEORIA DE JACQUES LACAN**

Dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia-Mestrado acadêmico da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
Orientador: Prof. Dr. Rogério Miranda De Almeida.

CURITIBA

2018

LUIZ FERNANDO DURAN IÓRIO

**A LINGUAGEM, A VOZ DO INTERDITO E O DESEJO:
A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA TEORIA DE JACQUES LACAN**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Doutor Rogério Miranda de Almeida (Orientador)
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Professor Doutor Jelson Oliveira
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Professor Doutor Maurício José d'Escragnolle Cardoso
Universidade Federal do Paraná

A Luiz Cássio Íório, Maria Lúcia Duran Íório,
Bruna Duran Íório e Maria De Lourdes Moraes Duran...
Por tudo!

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, Luiz Cássio Lório, Maria Lúcia Duran Lório, Bruna Duran Lório e Maria de Lourdes Moraes Duran.

À minha namorada Juliana Mariano Ribeiro pela visceralidade do amor e do desejo, pelo ineditismo e pela surpresa do encontro inesperado e também pelo carinho, pela compreensão e pela paciência nos últimos meses de escrita deste trabalho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Rogério Miranda De Almeida, pela paciência e pela generosidade na transmissão do saber; à minha ex-professora Julieta Al Makul Durce, por ter me transmitido o desejo pela psicanálise; a Thais Savedra por ter dado voz ao meu desejo de me engajar neste trabalho.

Aos meus “amigos irmãos” de tantos anos, Flávio Marcel Ferreira Gonçalves, Helder Sturari Mariano, Victor Aversa e Renato Nishikawara.

A Maria Luiza Gizzi, minha “irmã de outro estado”, pela verdadeira amizade; a Julia Joergensen Schlemm, Denise Noni de Mattos e Allan Martins Mohr, pela companhia na caminhada acadêmica e na caminhada da vida.

A Izabel do Rocio Chimelli e Mônica Nogari Damaceno pela sincera amizade e pela generosidade em receber, em sua cidade, um estranho; a Maurício Bastos e Neide Fedalto, por serem pessoas maravilhosas.

A Lucia Verdum De Almeida, Rodrigo Fernandez e Paulo Márcio Fernandes, pelo lugar que deram ao meu discurso.

Just as every cop is a criminal
And all the sinners saints
As heads is tails
Just call me Lucifer
'Cause I'm in need of some restraint

Rolling Stones (Sympathy for the Devil)

(...) não é preciso considerar verdadeiro tudo o que se diz.
É preciso considerá-lo apenas necessário.

Franz Kafka (1979, p. 235)

RESUMO

O objetivo central deste estudo é fazer ressaltar o entendimento de Jacques Lacan com relação à constituição do sujeito, o sujeito da linguagem e na linguagem. Com efeito, o sujeito se constitui para Lacan na medida mesma em que ele entra na linguagem, simbolizando e significando. Ou seja, na medida em que ele simboliza, significa, denomina e, conseqüentemente, quebra as resistências do discurso através da própria linguagem. Analisaremos também o surgimento do *desejo*, em virtude do entendimento de Lacan de que o sujeito surge no momento em que surge o seu *desejo*. Também desenvolveremos o conceito de *interdito*, em detrimento da explicação de Lacan de que é ele que possibilita a emergência do *desejo*. Buscaremos estabelecer a relação entre a linguagem, *interdito* e o nascimento do *desejo* para, por fim, avançarmos para o conceito de *objeto a*, ou, *objeto causa do desejo*. O *objeto a*, conceito criado pelo próprio Lacan, é o impulsor do movimento do sujeito constituído, assim como a garantia do desenlace e do sucesso de seu processo de constituição.

Palavras-chave: Psicanálise. Sujeito. Desejo. Interdito. Objeto *a*.

ABSTRACT

The main goal of this research is to underline Jacques Lacan's conception about the constitution of the subject, that is, the subject of language and in language. Indeed, for Lacan, the subject constitutes itself inasmuch as it enters language or, in other terms, as it symbolizes and signifies. But it not only symbolizes and signifies, it also denominates and, consequently, breaks the resistances of the discourse throughout language itself. We also will analyze the emergence of desire, as for Lacan's understanding the subject appears at the very moment where also appears its desire. Plus, we will develop the concept of interdiction, for Lacan it is the interdiction that brings about the emergence of desire. Thus, we will try to establish the relation between language, interdiction and the birth of desire. With this, we will be able to advance toward the concept of object a, that is, the object which is cause of desire. The object a, a concept created by Lacan himself, is the object that drives the constitution of the subject being thus the cause of the vicissitudes in the way of this interminable process.

Keywords: Psychoanalysis. Subject. Desire. Interdict. Object a.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I.....	21
A PROIBIÇÃO E A FINITUDE DA PALAVRA: É A PROIBIÇÃO DE <i>DEUS</i> QUE AUTORIZA O DESEJO E ABRE A POSSIBILIDADE DE UM <i>PARA ALÉM DE DEUS</i>.	21
1.1 A PALAVRA DE <i>YAWEH</i>	23
1.2 O <i>PARA ALÉM DE ADÃO E DEUS</i> : O QUE É DA ORDEM DO POSSÍVEL.....	30
CAPÍTULO II.....	43
DO ENCONTRO COM A LINGUAGEM: O NEGATIVO, A SOMA, O <i>SPLITTER</i> E O DESEJO POSSÍVEL.	43
2.1 NO INÍCIO ERA O “ <i>i</i> ”.....	43
2.2 <i>i + 1</i> E O <i>SPLITTER</i> :.....	48
2.3 O SIGNIFICANTE, O <i>DESEJO</i> , O <i>VAZIO</i> E O <i>NADA</i>	54
CAPÍTULO III.....	62
O OBJETO A	62
3.1 A <i>NÃO</i> FORMA DO OBJETO A.....	62
3.2 O OBJETO A NO <i>GRANDE OUTRO</i>	68
3.3 O OBJETO A <i>IMPOSSÍVEL</i> E <i>ATEMPORAL</i>	71
3.4 O SUJEITO <i>COMO CORTE DO OBJETO A</i> OU O <i>OBJETO A COMO CORTE DO SUJEITO</i>	77
CONCLUSÃO	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo principal demonstrar o entendimento do processo constituição do sujeito na teoria de Jacques Lacan tomando como base a questão da linguagem e a função do *interdito*. Serão tomados também em consideração os conceitos de *desejo* e, finalmente, de objeto *a*. Visamos mostrar como o ensino lacaniano responde à questão filosófica sobre o surgimento, a constituição e o funcionamento do sujeito.

A psicanálise apresenta uma divergência ante o entendimento de Descartes sobre a constituição e o funcionamento do sujeito. É ao trabalhar com o conceito de inconsciente que a psicanálise envereda por um caminho oposto ao do pensamento de Descartes. Em seu “*Discurso sobre o método*”, ao asseverar: “(...) penso, logo existo” (DESCARTES, 2010, p. 28); Descartes apresenta o entendimento de que a parte fundamental da existência de um sujeito resida no pensar, em outras palavras, no plano consciente. René Descartes prossegue: “(...) concluí de tudo isso, que eu era uma substância cuja essência ou natureza reside unicamente em pensar” (DESCARTES, 2010, p. 29). Assim, Descartes atribui ao pensar o status de única esfera onde resida a essência e natureza do sujeito humano. Dizendo de outra maneira, o autor trabalha com a ideia de que o plano consciente seria a única parcela possível de residência da natureza e da essência de um sujeito.

Isto posto, formulamos a justificativa desta pesquisa. A psicanálise atribui crucial valor a esse lugar onde o sujeito não pensa, a saber, o lugar do inconsciente¹. Para a psicanálise, a essência, a real natureza, o motor do sujeito, a sua maior e mais fundamental parcela, reside exatamente no inconsciente. Seria esta a fundamental discordância que a psicanálise apresenta em relação ao pensamento de Descartes.

Entre seus “Escritos”, Lacan apresenta um texto intitulado “*A instância da letra no inconsciente (1957)*” e, neste trabalho, o autor assevera que o sujeito *pensa onde não é e é onde não pensa* (Cf. LACAN, 1998, p. 521).

¹ Ressaltamos que o *não pensar* referente ao inconsciente não indica uma absoluta ausência de pensamento e sim um lugar onde o sujeito não pensa de maneira ativa. Dito de outro modo, o pensamento inconsciente existe, mas não está disponível, acessível ao pensamento consciente. Ademais, o pensamento consciente também não pode exercer controle sobre o pensamento inconsciente.

Entendemos, pois, que Lacan dá lugar a esta proposição capital da psicanálise de que, a maior e mais importante parcela do sujeito esteja neste lugar inconsciente, ou seja, em outro lugar que não o pensar consciente proposto por Descartes.

Lacan, em seu “*Seminário, Livro 9, A identificação (1961/1962)*”, explica seu conceito de objeto *a* desenvolvendo todas as etapas de sua formação. Contudo, este conceito não aparece pela primeira vez neste seminário. É, sobretudo, em seu “*Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente (1957/1958)*” que Lacan, ao propor o *matema* da *fantasia*, a saber $S \ll a$, grafa também o objeto *a*. O *matema* pode ser lido como: *S barrado de a*. Desta forma, Lacan demonstra o conceito de *fantasia* e o de objeto *a*. O objeto *a* é aquilo que o sujeito busca e a *fantasia* é o que faz o *ajuste* ao longo da busca do sujeito por este objeto que está fora de seu alcance. É ela que permite que o sujeito se detenha com outros objetos ao longo desta busca infundável.

Contudo, repita-se, é em seu “*Seminário, Livro 9, A identificação (1961/1962)*” que especificamente Lacan descreve todo o processo de formação do objeto *a* no momento derradeiro do processo de constituição do sujeito. Para Lacan, neste seminário, o objeto *a* seria o grande motor do funcionamento do sujeito no mundo. É ele o responsável, a *causa* de todo e qualquer movimento de busca deste sujeito no mundo. Também por isso é chamado de *objeto causa do desejo*.

Já o conceito de *sujeito barrado*, conforme mostramos, é mencionado por Lacan em seu “*Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente (1957/1958)*”, bem como é explicado em seu texto “*A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957)*” como este sujeito atravessado pela linguagem que torna-se *divido, barrado*, em virtude deste atravessamento.

Não temos intento de analisar os trabalhos de Descartes profundamente, tampouco o temos de explanar as concepções freudianas sobre o tema proposto. Optamos principalmente pela teoria de Lacan por entendermos que em seu “*Seminário, Livro 9: A identificação (1961/1962)*” e em seu “*Seminário, Livro 10: A angústia (1962/1963)*”, Lacan, além de trazer o conceito de estruturação do sujeito de Descartes à discussão, explique também a formação do objeto *a*.

Para desembocar no conceito de objeto *a*, Lacan percorre um longo caminho que começa antes mesmo do nascimento do sujeito. Existe, nas análises de Lacan, uma grande e fundamental diferença entre o *sujeito falado* e o *sujeito falante*. O processo de constituição do sujeito inicia-se no momento em que ele é *falado* pelos que o antecedem, ou seja, no momento em que ele ganha lugar no discurso destes antecessores. Sendo assim, deduzimos que se torna impossível precisar de um modo geral quando especificamente esse processo se dá para todos os sujeitos, visto que é possível que cada sujeito comece a ser falado em momento distinto, a saber, antes da concepção, depois da concepção ou mesmo depois do nascimento. A tarefa de situar um momento único para o início do processo de constituição para uma pluralidade de sujeitos mostra-se impossível. Esta análise só é possível na singularidade.

Enfatizemos, pois, que o problema de nossa pesquisa encontra-se nas proposições teóricas de Lacan de que a constituição do sujeito se inicia no momento em que este sujeito ganha um lugar no discurso de seus antecessores, tornando-se sujeito falado, avançando para o momento da inserção da linguagem para, posteriormente, desembocar em uma condição que possibilite formação do objeto *a*².

Repita-se que todo este processo de surgimento, de constituição do sujeito percorre um longo e delicado caminho que se inicia no momento em que *falam* desse sujeito e termina no momento em que *falam para* esse sujeito, *em direção a* esse sujeito, *atravessando-o* com as palavras e possibilitando que ele mesmo faça uso destas palavras.

O sujeito que nasce está no mais absoluto *vazio* e, é só a partir desse *vazio* que ele pode abraçar, enlaçar, se apropriar da linguagem. Paradoxalmente, o sujeito também cria a linguagem a partir de um *vazio*, *vazio* este que ele preenche (parcialmente) a partir da própria significação que ele

² Nesta pesquisa trabalharemos apenas a constituição do sujeito na *neurose*. Visto que a psicanálise trabalha com as possibilidades de *neurose*, *psicose* e *perversão*, entendemos ser imperioso salientar que versamos apenas pela constituição do sujeito *neurótico*. O esquema proposto por Lacan abarca unicamente o sujeito que enlaça a linguagem (e é atravessado por ela) *desembocando* nesta estrutura. A importância que Lacan atribui à linguagem pode ser vista como fundamental para qualquer das três estruturas propostas pela psicanálise, abrangendo uma possibilidade de compreensão e elaboração sobre todas elas, contudo, o esquema que visamos trazer orienta a compreensão para a estrutura do sujeito que tem uma relação de enlaçamento (mesmo que parcial) com a linguagem. Possíveis desvios neste processo que ocasionam quadros outros e, possivelmente, graves de estruturação psíquica, serão eventualmente mencionados por nós, todavia, sem intentos de aprofundamentos.

encontrou na linguagem que recebeu do mundo externo e enlaçou outrora. Como esclarece o próprio Lacan: “O vazio é a única maneira de agarrar algo com a linguagem, permite-nos, justamente, penetrar na natureza dessa última” (LACAN, 2012, p. 12). Assim Lacan explica que com a linguagem, há também o *vazio*; evidentemente, já neste momento posterior, não um *vazio* absoluto, mas sim um *vazio* característico, inerente à própria linguagem como tal. Em outras palavras, a linguagem não é capaz de dizer tudo o que se propõe a dizer.

Assim sendo, o sujeito no *vazio* ou, o sujeito *vazio* vai construindo-se como sujeito acompanhado (e impulsionado) sempre por determinados *vazios*. Note-se que o sujeito se constitui na medida mesma em que ele é atravessado pela linguagem, pelos *vazios* da linguagem e por sua própria parcela que fica no *vazio* após a significação. Todavia, o início do processo de constituição se dá em um momento anterior: o momento em que ele (sujeito) começa a ser *falado* por outros, por seus antecessores. Desta maneira, concluímos que este *sujeito falado* está lá antes do nascimento do sujeito. Evidentemente, cabe-nos também salientar, que esta linguagem à qual nos referimos é pré-existente ao sujeito. Uma vez que o sujeito nasce um sujeito no *vazio*, ele se agarra, através deste *vazio*, à linguagem já instaurada anteriormente na cultura. Conforme assevera Lacan: “Se o sujeito fala, para falar ele tem de entrar na linguagem e num discurso pré-existente” (LACAN, 2016, p. 19).

A questão que se mostra na teoria psicanalítica de Lacan é a que concerne aos limites da capacidade da linguagem de dar articulação e sustentação a todo o *vazio* que representa o sujeito no momento de seu nascimento. Para Lacan, a inserção da (ou na) linguagem não garante a articulação, a nomeação total desse *vazio*, como também mostra a impossibilidade de uma articulação absoluta. Assim sendo, para além do serviço prestado pela linguagem ainda sobra um pedaço no *vazio*, um espaço, algo *foracluso* (incluído fora do sujeito) que não foi enlaçado por esta linguagem. Na verdade, até o fim da sua vida o sujeito está continuamente tentando preencher este *vazio*, trabalho este infundável e, de certa maneira frustrante. Conforme explica o próprio Lacan:

Está bem claro que é na medida em que podemos dizer tê-lo esquecido quase a todo instante, que seremos postos nesta incerteza para a qual não há nenhum nome, nem trágico, nem cômico, que possa nos dizer, no momento de abandonar nossa vida, que fomos sempre, à nossa própria vida, de alguma maneira, estranhos (LACAN, 2014, p. 27).

A citação acima explica que algo de *estranho* ao sujeito o acompanhará até seus derradeiros momentos. Este *estranho*, deduzimos ser o efeito da inserção de uma linguagem carregada de *vazios* em um sujeito que era, em um primeiro momento, absoluto *vazio*. Contudo, visamos trazer à discussão a proposição lacaniana de que é precisamente este *vazio*, isto de *estranho*, que colocará este sujeito em movimento, é através dele que se dará, paradoxalmente, o seu funcionamento no mundo. É na busca por tamponar, por costurar isso que ficou em aberto, que o sujeito se atirará no mundo em busca de objetos que ele acredita serem capazes de suturar este *vazio*.

Deduzimos ser este o instante e o *local* que Lacan propõe como sendo aquele pelo qual o *desejo* irrompe. O *desejo* é, para Lacan, o que emerge dessa *hiância* e ao sujeito caberá buscar, no mundo ao seu redor, objetos que deem conta da falta, do furo, do resto que a linguagem não foi capaz de suturar. O conceito de *desejo* é mencionado desde o início da obra de Lacan como isto que o impulsiona. Em seu “*Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953/1954)*” Lacan o coloca como aquilo que impulsiona o sujeito, entretanto, *sobre este desejo o sujeito nada sabe* (Cf. LACAN, 1983, p. 193). Logo em seu “*Seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954/1955)*” Lacan explica que ele surge *no momento em que encarna em uma palavra, como simbolismo* (Cf. LACAN, 1985 p. 317). Contudo, é em seu “*Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente (1957/1958)*” e, sobretudo em seu “*Seminário, Livro 6: O desejo e sua interpretação (1958/1959)*” que Lacan dedica-se a explicar detalhadamente o conceito, sua relação com a linguagem, bem como sua necessidade da *fantasia* para se desenrolar nesta busca pela sutura última.

Contudo esta tarefa, repita-se, é infundável, ou infinita visto a impossibilidade de sutura desta *hiância*, assim como a própria carência, a própria insuficiência da linguagem. Novamente salientamos a divergência de Lacan ante o sujeito proposto por Descartes: este sujeito proposto por Lacan

tem como motor principal esta sua parcela inominável, isso sobre o que ele não pensa não só por ser inconsciente, mas por ter sua origem em um momento anterior a qualquer articulação linguística e por continuar permanecendo fora do enlace possível da linguagem. Lacan, já em seu “*Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953/1954)*” apresenta um indício do que viria a ser desenvolvido futuramente em sua teoria quando afirma: “Essa hiância é precisamente o que é humano na estrutura própria do sujeito, e é o que nele responde” (LACAN, 1983, p. 85). Note-se que Lacan, em seu primeiro seminário, já apontava para a função *constitutiva* dessa *hiância* no ser humano.

Uma vez que o sujeito busca no mundo o sentido, a satisfação, a sutura, para o seu *vazio* (*vazio* este que se mostra como o que há de mais singular no sujeito) entendemos que Lacan chegou a essa conclusão avaliando que a questão, de saída, é que a linguagem externa e pré-existente não dá conta de satisfazer o sujeito como um todo precisamente por causa de sua singularidade (do sujeito). Como pode o sujeito querer encontrar, também no que é externo e pré-existente, o que pode completar o que lhe ficou em aberto³? Enfatiza Lacan: “(...) o que nós vemos é que o sujeito, para encontrar a Coisa, envereda, a princípio, na direção oposta” (LACAN, 2014, p. 225). A *Coisa* ou *das Ding* seria o objeto que o sujeito busca supostamente capaz de proporcionar o *enlace absoluto*. Ele é introduzido por Lacan em seu “*Seminário, Livro 7: A ética da psicanálise (1959/1960)*” como aquilo que *contém o verdadeiro segredo* (Cf. LACAN, 2008a, p. 60); contudo, é sobretudo em seu “*Seminário, Livro 9: A identificação (1961/1962)*” que Lacan explicará esta função da *Coisa* de ser o que o sujeito acredita existir no mundo e que seria capaz de proporcionar sua absoluta completude.

Isto posto, retomamos que Lacan conclui que completar esse em aberto é da ordem do impossível, estando o sujeito destinado a buscar objetos e mais objetos no mundo, pois, no exato instante em que um objeto é eleito pelo sujeito, este mesmo objeto está se encaminhando para a queda desta posição de eleito. Seria, então, um jogo de *véus* em que o sujeito joga um *véu* (tecido

³ Escolhemos o termo *em aberto* como forma de demonstrar que o que não é enlaçado pela linguagem permanece como um corte, um rasgo, um vazio, um furo. É algo de *estranho* (para utilizar um dos termos de Lacan) que caminhará lado a lado com o sujeito até seus derradeiros momentos que está fadado a aparecer incrustado e velado em cada uma de suas palavras e suas atitudes.

por ele próprio) por sobre este *vazio* utilizando qualquer objeto do mundo apenas como suporte para esse *véu*⁴. Contudo, no exato momento em que esse *véu* cai sobre o objeto, ele começa a delicadamente escorregar e perder seu lugar e seu sentido pelo fato de este objeto ser incapaz de dar a sutura total à *hiância* inerente ao sujeito. Ademais, mesmo que fosse capaz, neste preciso momento, estancaria o movimento do sujeito, extirparia dele seu principal motor e *causa* de movimento. A respeito disso, pondera Rogério Miranda de Almeida:

Porque o objeto do desejo é, (...), in-definível, parcial, plástico, fluido, lábil e proteínforme. Como o próprio desejo, de que ele é a um só tempo instrumento e expressão, o seu objeto é errante na sua eterna insatisfação ou, para usarmos de novo nossos termos, na sua contínua satisfação-insatisfação (ALMEIDA, 2005, p. 129-130).

A citação acima explica exatamente a dinâmica na qual o sujeito é lançado no momento exato em que começa a existir como sujeito, em que é atravessado pela linguagem e sai do completo *vazio*. A expressão “*satisfação-insatisfação*”, de Rogério Miranda De Almeida, fala desta característica inerente ao sujeito que o acompanhará do momento em que ele se torna sujeito até o momento de sua morte. Os objetos e os *véus* tenderão a ser sempre “*in-definíveis, parciais, plásticos, fluídos, lábeis e proteínformes*”; eles começarão a escorregar no preciso momento em que forem eleitos. Assim, poderão dar lugar ao próximo objeto e ao próximo *véu*. É-nos imperioso retomar que, caso houvesse a possibilidade do encontro com a *Coisa*, o resultado desse encontro seria a morte. Uma vez que esse espaço, esse *vazio*, essa *falta*, esse *rasgo*, é o que movimenta o sujeito no mundo, ao estancar-se essa *fissura*, o movimento do sujeito seria, nesse exato momento, paralisado e privado de seu

⁴ O termo *véu* foi escolhido por ser aquele que representa literalmente aquilo que serve para cobrir/proteger alguma coisa. Os *véus* tecidos pelo sujeito e atirados por ele sobre os objetos do mundo os alçam (os objetos) ao lugar de objetos de *desejo*, protegendo o sujeito de seu contato com o que está o tempo inteiro a espreita. Seguindo na significação do termo *véu*, podemos mencionar o véu feminino usado para cobrir o rosto, a cabeça e muitas vezes também como adorno. A referência aqui está uma vez que estas também são funções dos *véus* que dão *vida* aos objetos de desejo: cobrir, dar um aspecto adornado ao que, por si só, é apenas um objeto do mundo externo incapaz de dar qualquer significação possível ao ponto mais singular do sujeito. Igualmente podemos nos servir do termo *véu* como na expressão metafórica “*véu de fumaça*”. Nesse caso, o *véu* é aquilo que impede de ver o que há por detrás.

principal e único motor. Restaria, pois, ao sujeito, a estagnação petrificante da morte.

Enfatizemos e retomemos, pois, que partiremos da questão filosófica que é a constituição do sujeito, isso é, do seu nascimento, desenvolvimento e estruturação ao longo de toda a sua vida até a iminência de sua morte. Como, pois, Lacan pode elucidar essas questões? É o que tentaremos mostrar ao longo dessas reflexões. Dentro da vasta obra de Lacan, focalizaremos principalmente os seguintes estudos: “*O Seminário, Livro 9: A identificação (1961/1962)*” e o “*O Seminário, Livro 10: A angústia (1962/1963)*” por acreditarmos ser ao longo destes seminários que Lacan explana com detalhes o momento da inserção do sujeito na linguagem e, principalmente, a formação do objeto *a* que possibilita a constituição do sujeito *desejante*, a inauguração do *desejo*. Ademais, utilizaremos outras obras pontuais de Lacan que mencionem direta ou indiretamente os conceitos e temas que nos interessem. Além disso, traremos proposições de autores pesquisadores da obra de Lacan com intuito de estabelecer diálogo com nossa leitura e possíveis esclarecimentos.

No primeiro capítulo escreveremos sobre o *desejo* e a *falta* em Lacan. A *falta* para Lacan pode ser entendida como o que se manifesta no sujeito na medida em que ele se depara com algo que não está ao seu alcance. Verificamos que o conceito de *falta* é mencionado por Lacan em seu “*O Seminário, Livro 3: As psicoses (1955/1956)*”, contudo, neste momento Lacan está se referindo aos efeitos da *falta* de um significante primordial na estruturação do sujeito. É em seu “*O Seminário, Livro 4: A relação de objeto (1956/1957)*” que Lacan começará a desenvolver o conceito de *falta* de determinado objeto ou *frustração* de determinado intento do sujeito e sua relação com a constituição deste sujeito. Entretanto, é ao longo de seu “*Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente (1957/1958)*” e, de seu “*Seminário, Livro 6: O desejo e sua interpretação (1958/1959)*” que Lacan, ao propor a dinâmica do *desejo*, situará a *falta* como indispensável para manutenção do *desejo*.

Isto posto, visamos mostrar os motivos pelos quais Lacan deu imperiosa importância a estes dois conceitos em seu ensino sobre constituição do sujeito. Para isso, visamos servir-nos de uma analogia com a narrativa de Adão,

presente no Livro do Gênese das Sagradas Escrituras. No **segundo capítulo** faremos um retorno aos momentos anteriores da constituição do sujeito na teoria de Lacan (anteriores ao sujeito atravessado pela linguagem). Para isso, abandonaremos as analogias com as Sagradas Escrituras e exploraremos a analogia feita por Lacan com a matemática. Analisaremos o trajeto percorrido desde o momento em que o sujeito é *falado* até o momento em que torna-se *falante e desejante*. Por fim, no **terceiro capítulo**, abordaremos o conceito de objeto *a* e os momentos finais do processo de constituição do sujeito.

Saliente-se que estes três capítulos estão essencialmente articulados entre si, na medida em que eles apontam, embora sob modalidades diferentes, para o problema de base deste estudo, que é o surgimento *desejo*⁵. Estas conexões sobressairão à medida mesma em que se desenvolverá o movimento da escrita, pois o **primeiro capítulo** trata sobre a proibição e a finitude da palavra, o **segundo capítulo** analisa a questão do encontro com a linguagem e o **terceiro capítulo** focaliza a problemática do objeto *a*. Todas estas questões reenviam, em última instância, para a tensão do *desejo* que se manifesta pelo *interdito* e, portanto, pelo emergir da palavra no sujeito. O *interdito*, para Lacan, é a função de interdição à qual o sujeito é submetido no primeiro momento em que busca a sutura plena de seu *vazio*. Este conceito aparece desde os seus primeiros seminários: “O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953/1954)”, “O Seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954/1955)”, “O Seminário, Livro 3: As psicoses (1955/1956)”, e sobretudo, ao longo de seu “O Seminário, Livro 4: A relação de objeto (1956/1957)” e de seu “O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente (1957/1958)”, Lacan se refere ao *interdito* principalmente pelo nome de *Lei*. Contudo, escolhemos termo *interdito* em virtude do fato de que, sobretudo em seu “O Seminário, Livro 9: A identificação (1961/1962)”, Lacan esclarece que o sujeito é freado em seus intentos por duas vezes, em dois momentos: o primeiro é aquele em que o sujeito se depara com a limitação própria da linguagem e o segundo é aquele em que o sujeito se depara com a limitação de quem o fornece a linguagem, sendo assim, *interditado*. Ou seja, nem a

⁵ Optamos por esta sequência em detrimento da própria ordem cronológica do ensino e do avanço da teoria do autor.

linguagem, nem quem fornece a linguagem ao sujeito, detém o objeto ulterior que possibilitaria a total sutura, o total enlace do *vazio*.

CAPÍTULO I

A PROIBIÇÃO E A FINITUDE DA PALAVRA: É A PROIBIÇÃO DE *DEUS* QUE AUTORIZA O DESEJO E ABRE A POSSIBILIDADE DE UM *PARA ALÉM DE DEUS*.

Neste **primeiro capítulo** abordaremos principalmente o *desejo*, a *falta* e a *hiância*: três conceitos fundamentais presentes na teoria de Lacan e imperiosos para este autor em sua compreensão sobre a constituição e o funcionamento do sujeito. Para isso, intentamos nos servir de uma analogia com a narrativa de Adão presente nas Sagradas Escrituras. Entendemos que esta narrativa traz uma metáfora que nos serve, a contento, para trabalhar o que pretendemos sobre estes conceitos de Lacan, segundo o qual, o momento do nascimento do desejo é o momento em que a singularidade do sujeito pode emergir, ou o próprio sujeito pode emergir, sendo, pois, o momento de conclusão do processo de constituição deste sujeito. Conforme explica Lacan: “O que nos trata de apreender é que o sujeito que nos interessa é o desejo” (LACAN, 2014, p. 304). Analisando a citação, verificamos a importância crucial atribuída por Lacan ao *desejo*. Desta forma, deduzimos que na mesma medida em que surge o *desejo*, surge também o sujeito.

Esclarecemos, porém, que nossa dissertação seguirá o caminho inverso do processo de constituição do sujeito proposto por Lacan, entretanto, preservará o caminho cronológico da construção teórica do autor sobre o tema.

Lacan defende que a o sujeito se constitui na medida em que é atravessado pela linguagem, pela palavra. Afirma Lacan: “(...) não há sujeito se houver significante que o funde” (LACAN, 1999, p. 195). Conforme já mostramos na **introdução**, antes da linguagem havia o *vazio*, havia o *disforme*, havia um sujeito *polimorfo*⁶. Lacan insiste: “(...) a situação do sujeito (...) é essencialmente caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico, ou, em outros termos, no mundo da palavra” (LACAN, 1983, p. 97).

⁶ *Polimorfo* foi o termo utilizado por Lacan para se referir ao sujeito no seu nascimento e, portanto, ainda não atravessado pela linguagem.

Entretanto, este atravessamento certamente não se dá de maneira simples. Há um movimento de inserção da linguagem (no sujeito) por parte do que Lacan chamou de *grande Outro*.

O conceito de *grande Outro* é apresentado por Lacan em seu “*O Seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica (1954/1955)*”. Neste seminário, Lacan se refere ao *grande Outro* como *Outro*, explicando que: “(...) é dele que se trata na função da fala” (LACAN, 2010, p. 320). Contudo, é apenas em seu “*O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente (1954/1955)*” que o *grande Outro* é nomeado por Lacan de o *tesouro do significante* (Cf. LACAN, 1999, p. 154). Já em seu seminário seguinte: “*O Seminário, Livro 6: O desejo e sua interpretação (1955/1956)*”, Lacan o chama de *tesouro da língua* (Cf. LACAN, 2016, p. 38). O *grande Outro* lacaniano então é aquele que fornece a linguagem ao sujeito, bem como aquele que o submete ao *interdito*.

Entretanto, esclarecemos que, além deste movimento por parte do *grande Outro*, é igualmente necessário que haja um movimento de apreensão desta linguagem por parte do sujeito a ser nomeado. É uma via de mão dupla, se um dos lados não exerce sua função, o efeito necessário não se dá.

Iniciemos, pois, fazendo uma breve análise da narrativa presente nas Sagradas Escrituras, mais exatamente, do Livro do Gênesis (2,16), em que entendemos estar em presença de várias questões fundamentais abordadas por Lacan. Temos primeiramente a voz de Yaweh, uma voz dirigida a Adão, que Adão desconhece, mas que o inquieta. É a *voz do interdito*. Esta voz se refere à proibição de tocar, ou melhor, de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. É esta, pelo menos, a tradução que nos deu a Septuaginta daquilo que, em hebraico, significa a árvore que produz frutos bons ou nocivos para a vida. A outra questão diz respeito a um ponto fundamental, crucial, essencial, desta narrativa: é a morte. Temos, pois, a problemática da voz, do *interdito*, do conhecimento, do bem, do mal e da morte. Acrescente-se a isto que não foi por acaso que nós sublinhamos a expressão “*para além*”, tal como esta se encontra no subtítulo. Com isto queremos significar que entre a voz de Yaweh, que é a *voz do interdito*, e Adão, que é o receptor desta voz, existe um “resto”, vale dizer, um fragmento, um algo que continua pairando e, ao mesmo

tempo, resistindo, como tensão, à significação enquanto tal. Em outros termos, entre o nomeador e o nome, sobra algo que continua em suspenso e que é ao mesmo tempo aquilo que, literalmente, funciona como *porta* e que é o suporte material da resistência e da passagem para a simbolização. Mas em que propriamente consiste esse relato? É o que veremos a seguir.

1.1 A PALAVRA DE YAWEH

No Livro do Gênesis, capítulo 2, versículo 16, encontra-se a narrativa daquilo que julgamos ser de capital importância para iniciarmos as nossas análises em torno do *interdito* ao qual um sujeito é submetido, no caso, Adão. Efetivamente, diz a narrativa:

O SENHOR Deus deu-lhe uma ordem, dizendo: 'Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não deves comer, porque no dia que o fizeres serás condenado a morrer (Gn 2,16).

Salientemos o caráter explícito de uma proibição nas palavras de Yaweh direcionadas a Adão. Todavia, intencionamos avançar em nossas análises. Esta proibição pode ser entendida como uma metáfora, dito em outras palavras, ela representa algo maior, ela diz de uma função que, ao mesmo tempo em que proíbe, autoriza. Dizemos autoriza, pois, conforme exploraremos na teoria de Lacan, é a função do *interdito* que autoriza a emergência do *desejo*. Ora, Lacan chega inclusive a mencionar um *nó da Lei com o desejo* (Cf. LACAN, 2008a, p. 205); demonstrando uma relação entre ambos. Assim sendo, deduzimos que esta proibição que aparece materializada no discurso de Yaweh pode ser entendida como a limitação, a *interdição* à qual o sujeito é submetido na medida em que tenta buscar no *grande Outro* a sua completude.

Contudo, podemos também compreender esta proibição como forma de demonstrar uma característica presente na própria linguagem, inerente a ela, a saber, a sua insuficiência estrutural que se faz notar no próprio momento de nomeação do homem Adão? Ora, a linguagem para Lacan já carrega consigo uma limitação própria. Assim sendo, há para este autor um deparar-se do sujeito com a limitação em dois momentos. O momento em que ele é

atravessado pela linguagem fornecida pelo *grande Outro* e pelas limitações desta linguagem e um segundo momento em que ele tenta ascender a este *grande Outro* em busca desta parcela que falta da linguagem e é, por este mesmo *grande Outro*, *interditado*, haja vista a própria limitação deste em fornecer esta completude. Neste segundo momento, ocorre o que Slavoj Žižek chama de *sobreposição de duas faltas* (Cf. ŽIŽEK, 2017, p. 46); ou seja, este autor explica que o sujeito já faltoso em detrimento do encontro com a linguagem faltosa, depara-se então com a falta no próprio *grande Outro* e que é a partir deste segundo encontro que apresenta esta *sobreposição de faltas* que o sujeito pode emergir. Žižek avança explicando: “(...) se o Outro não fosse faltoso, não seríamos capazes de “apreender a substância como sujeito”” (ŽIŽEK, 2017, p. 47). Nesta citação, o autor demonstra o entendimento de que esta falta no *grande Outro* se mostra então como um dos pontos essenciais do processo de constituição de um sujeito. Dizendo de outra maneira, deparar-se com a falta no *grande Outro*, seria fundamental e constitucional, uma etapa necessária, indispensável.

Iniciaremos nossa leitura da narrativa e verificaremos à qual destes dois momentos podemos comparar à proibição de Yaweh. Para prosseguirmos, repitamos que, segundo a teoria de Lacan, a linguagem, ao *enlaçar* o sujeito, no mesmo instante que o faz e dá vida e contorno a esse sujeito, ao seu corpo e ao seu psiquismo, não o faz por completo, apontando neste instante, para algo de inalcançável a esse sujeito dentro dele próprio⁷. Algo dele mesmo a que ele não tem acesso devido a uma incapacidade própria da linguagem de dar *enlace* a isto. Lacan esclarece que a palavra não *realiza*, não *revela*, quando muito ela faz uma *mediação* (Cf. LACAN, 1983, p. 62). De acordo com Žižek, neste encontro com a linguagem forma-se o que este autor chama de *lacuna constitutiva* (Cf. ŽIŽEK, 2017, p. 47). *Lacuna* esta que prossegue *coexistindo* neste sujeito, uma parcela que se mostra para ele como impossível de ser nomeada, *enlaçada*. O que era puro *vazio* é *enlaçado*, ganha contorno e

⁷ Escolhemos o termo *enlaçar* tendo em vista o papel da linguagem no sujeito segundo a teoria de Lacan. Uma vez que, para ele, a linguagem dá margem, contorno, borda ao corpo e ao psiquismo. O autor trabalha amplamente esta questão em seu “*Seminário, Livro 10: A angústia (1962/1963)*”.

forma, mas continua com uma parte de *vazio coexistindo* neste corpo enlaçado⁸.

Analisando, pois, esta dinâmica, podemos trazer a luz a nossa conclusão de que as palavras de Yaweh carregam consigo também a proibição inerente à linguagem. Ou seja, de certa maneira, entendemos que, independente do *interdito* manifesto, qualquer coisa dita por Yaweh já está, por sua vez, carregada desta característica própria de algo não possível de ser totalmente apreendido. Neste sentido, deduzimos que, há uma proibição no sentido de que sempre haverá algo que o sujeito (Adão) não conseguirá atingir, atacar, abraçar com a linguagem. Sendo assim, haverá para sempre dentro dele algo de proibido, algo de inalcançável, algo de impossível⁹. Uma parte desse sujeito permanecerá para sempre *foraclusa* dele próprio¹⁰.

Explica Lacan: “No sujeito que somos, tal como aprendemos a manejá-lo e determina-lo, há também todo um campo em que nada sabemos daquilo que nos constitui” (LACAN, 2005 p. 70). Na citação, é nítida a forma como Lacan aponta para este *não saber* no sujeito. Esta *foraclusão* existente dentro do próprio sujeito, esta *lacuna constitutiva*, fruto desta incapacidade dele de enlaçar toda a parcela do que diz respeito ao seu corpo e ao seu aparelho psíquico. Contudo, uma questão que permanece é, onde está este sujeito? Onde sabe ou onde não sabe? No que ele enlaça ou no que não enlaça?

Sobre isto, pondera Rogério Miranda de Almeida: “(...) o sujeito não é senão (...) aquilo que resvala, escorrega, escapa, resiste, oculta-se, subtrai-se e de novo ressurgue através da cadeia movente dos diferentes significantes que não cessam de terminar e de recomeçar” (ALMEIDA, 2016, p. 239-240). Na

⁸ O termo *coexistência* foi escolhido visando explicitar que é desta maneira que a estruturação do sujeito se dá. De forma que durante toda a sua existência, esta parcela de *vazio* permanecerá existindo dentro deste sujeito paralelamente, lado a lado ao que é nomeado e contornado. Podemos concluir que o nomeado e o não nomeado caminham conjuntamente.

⁹ Entendemos o proibido como algo sobre o qual o sujeito não tem acesso em decorrência de uma dinâmica anterior e superior a ele. Uma limitação imposta. Nesse caso, imposta pela própria insuficiência da linguagem.

¹⁰ *Foraclusão*: utilizamos o termo como uma forma de representar aquilo que não é enlaçado pela linguagem. Comumente no estudo psicanalítico, o termo *foraclusão* aparece para denominar o mecanismo de defesa presente nas estruturas psicóticas, onde, segundo a teoria de Lacan, o *Nome-do-pai*, conceito referente à função que possibilita, que exerce o *interdito* ou a *lei*, fica incluído fora do sujeito, não é internalizado, enlaçado, admitido por este sujeito. Não temos intento de trabalhar a questão das estruturas psicóticas, entretanto, cabe-nos explicitar que a teoria de Lacan admite que mesmo nas estruturas neuróticas, uma parte do sujeito permanece *foraclusa* dele no preciso momento em que ele é atravessado pela a linguagem.

citação, Almeida coloca o sujeito como sendo o que não se sabe, não se enlaça (*resiste, oculta-se*), contudo, note-se que o autor utiliza verbos que indicam movimento: *resvala, escorrega, escapa* e finaliza com a frase *ressurge através da cadeia movente*. Ou seja, estaria o autor atribuindo a esta parcela impossível de ser significada, não só o status de ser a parcela principal do sujeito como também àquela responsável por seu movimento?

Começaremos a desenvolver esta pergunta retomando a analogia com a narrativa de Adão. Entendemos que a nomeação de Adão por Yaweh carrega consigo e proporciona este efeito. Adão nomeado enlaça o *vazio* com esta palavra anterior e vinda de fora, deste *grande Outro* que, nesta analogia, é Deus, é Yaweh. Todavia, este espaço em aberto (aquilo que *escapa, resiste, oculta-se*) restante desta operação será determinante para o funcionamento e movimento de Adão como sujeito, determinando inclusive seu futuro, seus caminhos, os meandros pelos quais percorrerá atingindo assim a posição conhecida nos capítulos seguintes do Livro do Gênesis.

Lacan dedicou grande parte de seu ensino a isto que fica em aberto entre linguagem e o que ela designa. Esta distância foi explanada como a distância entre o *significante* e o *significado*. Em outras palavras, entre o *significante*: Adão (nome vindo de fora, do *grande Outro* e construído com/em uma linguagem pré-existente) e o *significado*: (homem), existe, pois, uma distância, um espaço, para utilizar o termo de Lacan: uma *barra*. Chama a atenção o autor:

Isso é essencial: a partir da comutatividade estabelece-se para o sujeito o que denomino, entre o *significante* e o *significado*, a *barra*. Ou seja, há entre o *significante* e o *significado* uma coexistência, uma simultaneidade que é, ao mesmo tempo, marcada por certa impenetrabilidade. Quero dizer que a diferença, a distância entre o *significante* e o *significado* se mantém (LACAN, 2016, p. 25)¹¹.

Salientamos, pois, que Lacan explicita essa relação entre *significante*, *significado* e *barra* pela demonstração S/s onde S é o *significante* e s o *significado*, estando presente, entre os dois, precisamente a *barra* (Cf. LACAN, 1998, p. 518). Ora, em seu “O Seminário, Livro 4: A relação de objeto

¹¹ Itálicos do autor.

(1956/1957)”, Lacan já propunha um esquema em que *significante* e *significado* são como duas linhas paralelas que, evidentemente, nunca se cruzam (Cf. LACAN, 1995, p. 46-47). Havendo entre dois, portanto, a *hiância*.

Seguimos nossas análises dando ênfase ao termo comutatividade presente na citação de Lacan. Entendemos que não por acaso este termo específico surge para designar este momento de nomeação. A comutatividade implica uma relação de perda e ganho, de *falta* e *saciedade* que é o que o sujeito cruza para adentrar a linguagem e a cultura¹². Ora, se neste exato momento em que o sujeito se agarra a ela (a linguagem) ele abandona uma parte dele no *vazio*, condenando, pois, esta parcela a eternamente permanecer inominada, concluímos que ele faz uma troca, uma negociação, uma barganha. Ante a impossibilidade de ser totalmente enlaçado e a possibilidade explícita de não ser enlaçado, permanecendo no *vazio*, o sujeito negocia. Nessa negociação ele abre mão, deixa pra trás, renuncia a algo dele mesmo. Pode-se dizer que, para Lacan, a palavra vivifica e mata ao mesmo tempo¹³. Essa função paradoxal é analisada por Rogério Miranda de Almeida: “(...) o desejo continua, e com ele continuam também o gozo e a angústia do *ainda não*. Ainda não dito, ainda não *escrito*, ainda não falado, ainda não significado, ainda não simbolizado, *ainda não gozado*” (ALMEIDA, 2016, p. 194)¹⁴. Almeida esclarece então que a continuidade do movimento, do desenrolar do *desejo* dependem deste *ainda não*.

Ora, de acordo com Pierre Kaufmann, o *desejo*, em Lacan, seria a *falta* de seu objeto (Cf. KAUFMANN, 1996, p. 114). Seria então a insatisfação, antiteticamente, a justificativa e o sustentáculo do movimento e do funcionamento? Estaria então o sujeito fadado a, em sua existência, gozar pelo fato de não poder gozar em absoluto?

¹² Expressamos aqui que o sujeito adentra a linguagem e a cultura. Através do estudo da teoria de Lacan, concluímos que o sujeito só é capaz de adentrar a cultura e fazer algum tipo de laço com o *outro* e com o mundo externo, através da linguagem. Algum tipo de linguagem se faz necessária. Mesmo em estruturas psíquicas comprometidas como as que a psicanálise classifica como psicoses ou autismo, o único tipo de laço possível ainda é através de alguma espécie de linguagem. Cabe salientar, pois, que estas estruturas mais graves desencadeiam-se devido a falhas no exato momento da inserção da linguagem, conseqüentemente no momento do nascimento, da emergência, da constituição do sujeito.

¹³ A expressão aparentemente paradoxal *vivifica e mata* fala deste efeito que Lacan atribui à palavra. No preciso momento em que ela enlaça seu alvo, ela deixa que uma parte desse alvo, um resto desse alvo, permaneça *para além* de seus domínios e de suas capacidades.

¹⁴ Itálicos do autor.

Analisaremos esta questão retomando a última citação de Lacan. Ressaltemos o termo *impenetrabilidade* escolhido pelo autor, cabe-nos bastante prudência ao analisar a escolha desse termo. Podemos inferir que esse termo dá a justa medida, o preciso significado disto que sobra para além da possibilidade de nomeação. Essa sobra, este *resto*, permanece então, impenetrável.

O ponto essencial deste momento é explanar que este *resto*, esta singularidade, conforme nos alerta Lacan, não deixa de existir, mas sim, prossegue *coexistindo* neste sujeito. Em outras palavras o *desfiladeiro* presente entre o significante e o significado persistirá, *coexistirá*, *coabitará* o/no sujeito. Estará presente em toda e qualquer palavra dita por ele ao longo de sua vida. Podemos concluir que por ser o que há de mais singular, terá crucial influência na definição dos caminhos tomados por este sujeito.

Retomando mais uma vez as Sagradas Escrituras, podemos, pois, enxergar esta distância, esta *barra*, no que diz respeito a isso que *coexiste* no primeiro homem juntamente com o seu nome Adão. Entendemos que Yaweh, ao atribuir ao homem o nome de Adão, abre a ele as portas da linguagem. Em nosso exemplo, uma vez que Yaweh nomeia e possibilita a Adão o ingresso na linguagem, está no lugar do *grande Outro* lacaniano. Este lugar primordial de onde emergem as primeiras palavras que atravessarão o sujeito *polimorfo*. Assevera Lacan:

A maiúsculo é o lugar do código, o lugar onde jaz o tesouro da língua em sua sincronia, ou seja, a soma dos elementos taximáticos sem os quais não há meio de haver comunicação entre seres submetidos às condições da linguagem (LACAN, 2016, p. 38)¹⁵.

Seguindo a citação de Lacan e a analogia com o Livro do Genesis, podemos, pois, concluir que Yaweh é o *tesouro da língua*, quem dá o nome e possibilita ao primeiro homem *enlaçar-se* e ser *enlaçado*, fazer laço com o mundo e comunicar-se com outros seres também falantes, inclusive com o próprio Deus. O que antes era um completo *vazio*, ganha forma, contorno, corpo, nome. Segundo Lacan, é graças ao *grande Outro* que o sujeito existe.

¹⁵ Lacan sinaliza o *grande Outro* pelo A (*maiúsculo*) devido à grafia em francês para *outro* ser *autre*. Sendo assim, o *grande Outro* é escrito como *Autre*. Nas citações de Lacan (e ao longo de nosso trabalho) possivelmente surgirá a letra A como referência ao *grande Outro*.

Ele inaugura o sujeito. Ainda em nossa analogia podemos inferir, pois, que Adão é criado, é constituído e vivificado por Yaweh. Explicou Lacan: “O homem que fala, a partir do momento em que fala, já está implicado por essa fala em seu corpo” (LACAN, 2005, p. 241). Julgamos imperioso salientar este momento de engajamento no corpo mencionado por Lacan. Este engajamento se dá no instante em que este corpo ganha forma e esta forma só se dá através da inserção da (ou na) linguagem.

Repita-se, pois, que para Lacan, esta função de *grande Outro* que, em nossa análise e analogia com as Sagradas Escrituras, é exercida por Yaweh, fora dele, no mundo real, tende a ser exercida pela mãe. Evidentemente, isso não é uma regra. Uma vez que o que realmente importa não é a figura da mãe e sim a *função materna*, que neste caso, é a função de *grande Outro* que pode, em última análise, ser exercida por qualquer pessoa. É o *grande Outro* quem primeiro enlaça o sujeito e aos poucos nomeia e dá contorno ao seu corpo. É este o papel dele. O *grande Outro* atravessa o sujeito com a linguagem, fura o sujeito, invade o *vazio* que é o sujeito e inaugura a esse sujeito a possibilidade de se *enlaçar*. É a partir daí que o *enlace* (sempre parcial) se dá.

Sobre Adão, concluímos que algo de suprema importância não pode ser observado nas Sagradas Escrituras neste momento, a não ser por seus efeitos. Este algo é o *resto* desta operação realizada por Yaweh em Adão. Haja vista que este enlace da operação é sempre parcial, podemos articular que o *resto* é exatamente o que há de mais singular em Adão. O que há de Adão *para além* de Deus. E é este singular, este *para além*, que será determinante para o destino traçado por Adão. O destino que Adão encontra diz dos efeitos deste *para além*. A expulsão do paraíso corriqueiramente vista e lida como trágica, nos faz pensar o contrário. Ao que nos parece, esta expulsão representa um destino singular, orientado pelos efeitos desta parcela de Adão que permaneceu do outro lado do desfiladeiro. Lacan diz que é deste espaço, desta parcela de singularidade, que brotará no sujeito aquilo que lhe será mais caro. Uma parte importantíssima de sua constituição como sujeito. Aquilo que fará com que ele se movimente no mundo.

Sigamos, pois, à próxima seção onde analisaremos o funcionamento *desejante* decorrente da eficácia da função do *interdito* e da consequência possível deste funcionamento em Adão, a saber, o Adão *para além* de Yaweh.

1.2 O PARA ALÉM DE ADÃO E DEUS: O QUE É DA ORDEM DO POSSÍVEL.

E, contudo, nossa alma reclama e anseia por algo completamente diferente. E em vão o sonhador remexe nos seus antigos sonhos, como se ainda procurasse no rescaldo uma centelha, uma só, por pequena que fosse, sobre a qual pudesse soprar, e com a nova chama assim ateadada aquecer depois o coração enregelado e voltar a despertar nele o que dantes lhe era tão querido, o que comovia a nossa alma e nos arrebatava o sangue, aquilo que fazia subir as lágrimas aos nossos olhos e que era uma ilusão tão bela (DOSTOIÉVSKI, 2012, p. 47).

Terminamos a seção anterior referindo-nos aos efeitos do que chamamos de *resto* na constituição, no funcionamento do sujeito. Agora, nos dedicaremos a analisar este funcionamento, seus motivos, suas raízes, e as possibilidades do sujeito no que concerne à sua operação. Esclarecemos que seguiremos a analogia com as Sagradas Escrituras e nos manteremos neste momento posterior à inserção da linguagem que Adão é submetido por Yaweh.

Entendemos poder encontrar na citação literária utilizada como epígrafe desta seção, o que diz respeito ao que pretendemos desenvolver agora. Dostoiévski elabora neste trecho de seu escrito exatamente o que entendemos, através do estudo de Lacan, ser um pequeno preâmbulo descritivo suficientemente fidedigno do funcionamento possível do sujeito ante sua constituição.

Podemos inferir que o sujeito, ao deparar-se com o que há de impossível de *enlaçar* com a linguagem e que *coexiste* dentro dele, funcionará de maneira a procurar aquilo que ele acredita ter perdido? Ora, o *resto* abandonado por ele em um primeiro momento em que ele negocia para abraçar a linguagem torna-se, em um segundo momento, o objeto de sua busca. Entretanto, o que talvez fuja de sua compreensão neste exato instante é que este objeto nunca existiu. De acordo com Žižek: “*nunca tivemos* aquilo que supostamente perdemos”

(ŽIŽEK, 2017, p. 267). Em última análise, Žižek conclui que o sujeito nunca teve este objeto que ele acredita estar buscando no mundo para retomá-lo, trata-se de uma falta primordial e constitutiva, um *vazio*. Ainda de acordo com o autor: “o *vazio* traumático contra o qual se articula o processo de significação” (ŽIŽEK, 2017, p. 34). Ora, seria então *em torno* deste *vazio* que o sujeito se constitui e *em busca* do preenchimento deste *vazio* que ele se movimenta? É instigante verificar que o termo escolhido por Žižek seja *contra o qual*. Estaria o autor apontando para uma relação ambígua, antitética, paradoxal em relação a este *vazio*?

Começamos nossas análises sobre esta hipótese retomando então que o sujeito busca no mundo exterior o objeto que preencheria isso que ficou obscuro, no *vazio*. Contudo, entendemos que esta equação não fecha, e é esta a pré-condição para que o sujeito inicie seu movimento e dê continuidade a ele, continue sua busca por objetos no mundo. Conforme asseverou Lacan: “(...) se definirmos a demanda por isto, que ela se repete e que ela não se repete senão em função de um *vazio* interior que ela cerca – esse *vazio* que a sustenta e a constitui” (LACAN, 2014, p. 350). Entendemos então, ser em função do um *vazio* impossível de ser preenchido que a demanda possa se orientar e continuar existindo, repetindo (ou não) os objetos do mundo eleitos pelo sujeito, mas mantendo-se sempre como uma demanda. Lacan também nos mostra que a condição de existência da demanda do sujeito é exatamente a *decepção* desta demanda (Cf. LACAN, 2014, p. 350). Evidentemente, devemos levar em consideração que uma vez que existe uma frustração constante, em virtude de algo que chamaremos a princípio de uma *deficiência estrutural*, não podemos excluir totalmente a ideia de que o sujeito tenha, em si, uma parcela de *revolta* ante esta condição, ante a impossibilidade do *enlace* absoluto, da satisfação plena e, por esta vertente, deduzimos que é quando funciona *contra* esta condição que, paradoxalmente ele funciona por esta condição.

Retornando mais uma vez a narrativa bíblica, entendemos que Yaweh impõe a Adão uma frustração ao atravessá-lo com sua palavra de *interdição*. A *interdição* de Yaweh carrega consigo a função de manter Adão frustrado. Note-se que, neste instante, não nos referimos a um objeto específico a ser proibido,

afinal, é sabido que Adão transgrediu a proibição (em um segundo momento) a determinado objeto, a saber, o fruto da árvore do bem e do mal. Todavia, insistimos que ele o faz já orientado pela demanda que se constitui em volta de uma frustração primeira, original e fundamental, da qual, nem mesmo o objeto proibido outrora serviria mais para dar enlace total, visto que não é de um objeto que se trata e sim da função da proibição, da função do *interdito*.

Relembrando que, de acordo com Lacan, nunca houve um objeto *capaz de dar total enlace* e, orientados por esta premissa, demonstramos nosso entendimento de que o objeto proibido por Yaweh pouco importa (enquanto objeto). O que realmente exerce função no processo de constituição de Adão e do surgimento de seu *desejo* é a proibição como tal. Uma vez que este objeto, em última análise não existe, a proibição funciona como uma prova de sua inexistência. Esta função reside na voz que *interdita*. É o receber da linguagem com seus limites e a imposição posterior do *interdito* que desembocam na possibilidade de Adão desejar. Não houve momento em que Adão tenha sido suficientemente completo e *enlaçado* em totalidade pela linguagem. O sujeito, em um primeiro momento, era completo *vazio*, depois da linguagem, torna-se parcialmente *vazio* e parcialmente *enlaçado*, mas é só após a linguagem que o sujeito pode deparar-se com a limitação desta linguagem, com esta característica de insuficiência inerente a ela. Por este motivo entendemos o fato de a palavra de Yaweh dirigida a Adão em forma proibição ser, em última análise, uma metáfora. Deduzimos que a proibição esteja amalgamada à linguagem, ela é característica desta última. Ser atravessado pela linguagem já coloca o sujeito ante uma proibição, proibição esta que, em um segundo momento, precisará ser novamente vivenciada (*sobreposição de duas faltas*) no exato momento em que o sujeito retorna ao *grande Outro* em busca do *enlace* que ele acredita ser possível encontrar.

Desta forma, nos questionamos: não seria exatamente por este motivo que, na citação presente em nossa epígrafe, Dostoiévski tenha optado pelo termo *ilusão*? Ora, de acordo com o que analisamos até aqui, chamamos a atenção para esta escolha por entendermos que é uma *ilusão* que o sujeito constrói na medida em que acreditar que em determinado momento do seu passado, foi plenamente enlaçado e completo. Ante este *vazio* inapreensível,

impenetrável que diz deste *resto*, o sujeito cria uma *ilusão* de que em algum momento este *resto* não foi *resto*, em algum momento este *resto* foi parte de um todo *enlaçado* pela palavra. Começamos a deduzir que, neste instante, ocorre, pois, uma *alteração* na medida em que o sujeito *altera* o registro do que ocorreu e cria uma compreensão outra. Para utilizarmos novamente do termo dostoiévskiano, o sujeito se *ilude*, mas é em decorrência desta *ilusão* primeira que o *desejo* dele poderá se desenrolar. Novamente retomamos que pouco importa o objeto a ser proibido, assim como pouco importa o objeto eleito pelo sujeito, trata-se neste momento de um jogo em que, ao formar a *ilusão* de que um dia foi completo, o sujeito torna-se *desejante*. Paradoxalmente, é a própria lei de Yaweh que colocará Adão em movimento *para-além* de Yaweh. O *resto* se converteu em *resto* porque não havia no mundo, na linguagem, algo capaz de enlaça-lo e a *ilusão* do sujeito o fará buscar neste mundo insuficiente (para além do paraíso e de Yaweh no caso da narrativa) aquilo que, de saída, foi escancarado ao sujeito como impossível.

Declara Lacan:

Isto não é um fenômeno contingente, quaisquer que sejam as causas, quaisquer que sejam as correlações, inclusive seu alcance, pode-se dizer que o que podemos chamar de profanação dos grandes fantasmas forjados para o desejo pelo modo de pensamento religioso, está aí o que nos deixará descobertos, inermes, suscitando esse oco, esse vazio, ao qual a meditação filosófica moderna se esforça por responder, e ao qual nossa experiência tem também algo que contribuir, pois é aí seu lugar, no instante em que designo, suficientemente, o mesmo lugar no qual o sujeito se constitui como não podendo saber precisamente o porque se trata aí para ele do Tudo (LACAN, 2014, p. 27-28).

Analisando a citação, notamos que Lacan explica que este fenômeno não é contingente, ou seja, ao elucidar este fenômeno como não sendo acidental ou ocasional Lacan mostra seu entendimento sobre aquilo que constitui um ponto fundamental para nós. Existe, pois, uma posição ativa do sujeito, a partir do momento em que ele existe como corpo, no decorrer do seu processo de sua constituição. Ou seja, concomitantemente à função do *grande Outro* de atravessar o sujeito com a linguagem, existe também uma postura demandada do sujeito na apreensão desta última e também uma postura ativa

do sujeito na construção das *fantasias* que servirão para que ele se movimente futuramente no mundo.

Retomamos, pois, que o *desejo* na teoria lacaniana é o que poderá emergir disto que, em um primeiro momento, seguindo o estudo de Lacan, chamamos de *vazio*. De acordo com Rogério Miranda de Almeida: “(...) o sujeito se desvela através de uma hiância primordial, ou elementar, que é a causa mesma de seu desejo, portanto, de sua angústia” (ALMEIDA, 2016, p. 50); analisando a citação de Almeida, podemos reforçar nosso entendimento de que o *desejo* brota desta *deficiência estrutural*. Contudo, esta mesma citação nos faz questionar, será que ao colocar a *angústia* lado a lado com o surgimento do *desejo*, Almeida também estaria apontando para a ambiguidade, para o paradoxo desta constituição assim como Žižek?

Iniciaremos o desenvolvimento desta questão retomando nossas análises da última citação de Lacan utilizada por nós. Nela, Lacan aponta para o que chama de *fantasmas religiosos* e acreditamos que devemos analisar esta expressão visando elucidar o que exatamente ela mostra. Deduzimos que a *religiosidade e todos os seus fantasmas*, para Lacan, em seu “*Seminário, Livro 9: A identificação (1961/1962)*”, são evocados para demonstrar uma das formas encontradas pelo sujeito para dar sentido ao que não tem sentido. A criação religiosa permite ao sujeito significar detalhadamente o *Tudo* mencionado por Lacan. Todavia, o que nos cabe mostrar é que toda e qualquer explicação para esse *vazio* não passa de uma *fantasia*. Entretanto, concluímos que estas *fantasias* fazem-se necessárias para a continuidade da existência do sujeito, ele precisa delas para funcionar ante a *angústia* mencionada por Almeida ou *contra* o *vazio* conforme ponderado por Žižek. Lembramos que, neste momento referimo-nos à religião, todavia, retomamos e salientamos que qualquer objeto do mundo necessita ser coberto de uma *fantasia* para ter algum sentido, algum efeito para o sujeito.

A tentativa de compreender o não compreensível sem a *fantasia* está fadada ao fracasso e, com isso, está fadada a mostrar com mais clareza o *oco* que se forma durante este processo, ou melhor, o *oco* do qual este processo é decorrente. Até o momento, podemos concluir então que a *fantasia* é aquilo que o sujeito cria, ou aquilo que ele tece para envolver, para dar sentido

(evidentemente parcial) ao sem sentido. Em outras palavras e retomando os termos que utilizamos na **introdução**, até aqui podemos comparar a *fantasia* aos *véus*. Ou melhor, podemos dizer que os *véus* são tecidos através da *fantasia*. Ou seja, o sujeito tece de um lugar de autoridade isto que possibilitará que ele navegue, que ele deslize mesmo ante a ausência de sentido. Retomando Žižek, o sujeito então construiria a *fantasia*, teceria os *véus*, *contra* o *vazio*. Encobrimo este *vazio*.

Salientemos novamente, que a justificativa para a continuidade da existência, da produção das *fantasias* e dos *véus* reside precisamente na ineficácia absoluta de ambos. Em outras palavras, esta ineficácia é o que justifica a própria continuidade do funcionamento do sujeito. Conforme explica Rogério Miranda de Almeida: “(...) poder-se-ia igualmente concluir que a finalidade do desejo, ou da tensão do desejo, reside paradoxalmente na sua própria insaciabilidade” (ALMEIDA, 2016, p. 99). Ou seja, se a finalidade do *desejo* reside em sua *insaciabilidade*, podemos então deduzir que e o fato de as *fantasias* e dos *véus* terem uma eficácia apenas parcial é indispensável. Retornando à Lacan, podemos sustentar o entendimento de que compreender o não compreensível é uma empreitada, de saída, infrutífera e que a *fantasia* e os *véus* proporcionam um início de relação possível com esta condição estrutural na mesma medida em que, antiteticamente, apontam para uma compreensão equivocada?

Ora, Lacan explica o fracasso do processo de compreensão no momento em que assevera: “Compreender é sempre avançar capengando para o mal-entendido” (LACAN, 2005, p. 90). Ademais, se retornarmos à citação penúltima de Lacan e retomarmos o momento em que ele menciona o *desejo*, conseguiremos mostrar porque Adão afirma-se como sujeito *para além* de Yaweh e do paraíso. Repita-se que o emergir do *desejo* é o desenlace do processo de constituição deste sujeito, ele brotará deste *vazio* decorrente do atravessamento pela linguagem. Podemos ver nos dizeres de Lacan que é ele (o *desejo*) que demandará as *fantasias*. Lacan afirma: “(...) o desejo humano tem a propriedade de estar fixado, adaptado, combinado não a um objeto, mas sempre, essencialmente a uma fantasia” (LACAN, 2016, p. 28); desta forma ele necessitará da *fantasia* para se desenrolar. Comparando nossa leitura do termo

dostoievskiano com a terminologia de Lacan, podemos colocar as *ilusões* do trecho de nossa epígrafe lado a lado com o conceito de *fantasia* de Lacan?

Ora, uma vez que a *fantasia* de Lacan refere-se a esta *adaptação* feita entre o *sujeito barrado* e o objeto de sua busca e que a *ilusão* de Dostoiévski se refere a esta crença de que um dia houve um enlace absoluto, concluímos que não. Entretanto, isto não exclui a importância da *ilusão* de Dostoiévski. É por buscar o *enlace absoluto* que ele acredita ter tido outrora que o sujeito entra em toda a sua dinâmica constitucional bem como é por isso que ele continua nela e também por isso que ela continua eficaz. Sendo assim, como explicar esta ideia de que um dia o sujeito foi totalmente enlaçado?

Buscaremos desenvolver esta questão fazendo mais um retorno ao Livro do Gênesis. Note-se que Yaweh ganha precisamente o lugar deste todo onipresente. Lacan explica que, uma vez nomeado parcialmente pelo *grande Outro*, o sujeito tenderá a acreditar que, nele (no *grande Outro*), reside o *resto* da operação, o que falta para completá-lo. O que o sujeito não vê, pois, é que o *resto* que ele busca neste *grande Outro*, foi algo de que ele próprio (sujeito) abdicou para poder *enlaçar* a linguagem limitada e carregada de *vazios* que este *grande Outro* tinha para oferecer. Ou melhor, o que ele não vê é que esta parcela, em última análise, nunca existiu. Sendo assim, mostra-se impossível que esta parte que o sujeito acredita existir, ou acredita ter existido e ser capaz de completá-lo, de fato exista.

Deduzimos ser isto o que escapa ao pensamento *fantástico* do sujeito constituído. Na narrativa, Adão nos explicita a não existência deste *resto* em Yaweh. Por mais que ele (Adão) habite um paraíso (como o próprio nome diz) e por mais que houvesse ali tudo o que o sujeito Adão precisasse, ainda assim permanece algo de incompleto, algo de inatingível, algo de insatisfeito, que não está nem em Yaweh nem no paraíso¹⁶. Mostramos, pois, a dinâmica que se forma: o sujeito sai do puro *vazio* através do atravessamento pela linguagem proporcionado pelo *grande Outro* e, evidentemente, por seu movimento (do

¹⁶ O *tudo* que elegemos neste momento refere-se ao que Adão tinha a sua disposição no paraíso. *Tudo* no sentido de que suas necessidades básicas estavam plenamente satisfeitas, eram devidamente saciadas. Entretanto, seu *desejo* permanecia *em aberto*, sua *hiância* fazia seus efeitos. Sustentamos que esta *hiância* permanecia ignorada por Adão, mas entendemos ser esta a questão que definirá o destino do personagem. Igualmente deduzimos que tudo de que Adão dispunha no paraíso era fruto exclusivamente do desejo de Yaweh. Aqui entra a dinâmica entre sujeito e o *grande Outro* que visamos demonstrar.

sujeito) de *enlaçar* a linguagem. Conforme explica Lacan: “(...) a noção de estrutura já é por si só uma manifestação do significante” (LACAN, 1985, p. 215). Ou seja, analisando a citação, vemos que Lacan sugere que a estruturação de um sujeito só é possível mediante esta condição. Ademais, Lacan prossegue: “(...) a noção de estrutura e a do significante aparecem inseparáveis” (LACAN, 1985, p. 215).

Entretanto, mesmo assim e em decorrência disto, uma parte deste sujeito permanece no *vazio*, sendo assim, o sujeito conclui que, ainda no *grande Outro* encontrará aquilo que falta a ele. Contudo, isto que o sujeito busca no *grande Outro*, este segundo não tem, lembre-se que isto que o sujeito busca, em suma, não existe. Ele (o *grande Outro*) já proporcionou ao sujeito o que poderia proporcionar no momento em que o nomeou. Esta busca por este *resto* que falta ao sujeito, Lacan diria que esta busca pela completude, em outras palavras nada mais é que uma demanda de amor (Cf. LACAN, 2016, p. 26). Uma vez que o amor é aquilo que seria capaz de proporcionar a completude¹⁷.

Concluimos que Lacan busca demonstrar que o processo de constituição do sujeito se desenlaça em decorrência dos efeitos do atravessamento pela linguagem vinda do *grande Outro*, sendo que, para que este atravessamento se dê, ele precisa renunciar ao seu intento de que a linguagem e o *grande Outro* lhe enlacem por inteiro. Posteriormente, o sujeito então acreditará que esse *resto* que sobrou em detrimento do que não lhe foi dado esteja neste *grande Outro*, uma vez que ele é o *tesouro da língua*, conforme nos mostra Lacan:

(...) o desejo, (...), se manifesta no intervalo, na hiância que separa a pura e simples articulação linguageira da fala daquilo que marca que o sujeito aí realiza algo dele mesmo, algo que não tem alcance, que só tem sentido em relação a essa emissão da fala, algo que é seu ser – o que na linguagem chama com esse nome.
É, por um lado, entre os avatares de sua demanda e o que esses avatares fizeram ele se tornar e, por outro lado, essa exigência de

¹⁷ Esclarecemos que estamos, conforme referência, no “*Seminário, Livro 6: O desejo e sua interpretação (1958/1959)*” de Lacan. Verificamos que neste momento anterior, Lacan propõe esta busca pela completude como busca por amor, todavia, já em seu “*Seminário, Livro 9: A identificação (1961/1962)*”, Lacan já trabalha com a ideia de que, esta busca por completude, por amor, em última análise é uma busca de volta ao inanimado, em outras palavras, a busca pela morte.

reconhecimento pelo Outro que, no caso, podemos chamar de exigência de amor, que se situa pra o sujeito um horizonte de ser, trata-se de saber se ele pode ou não alcançá-lo. É nesse intervalo, nessa hiância que se situa a experiência do desejo (LACAN, 2016, p. 26).

Através da análise da citação, deduzimos que para cada palavra emitida, verbalizada pelo sujeito, temos, pois, incrustado nela, amalgamado a ela, exatamente essa parcela sobre qual esta mesma palavra não é capaz de dar contorno. É através da emissão da fala juntamente com seus *vazios* que se formula a demanda do sujeito, se elaboram suas construções *fantásticas* e se desenrola o seu *desejo*. Sobre isso, Rogério Miranda de Almeida explica: “Porque, entre o objeto e o pedido, literalmente se *inter-cala* a hiância do desejo na sua insaciável, irrefreável e sempre recomeçada *satisfação-insatisfação*” (ALMEIDA, 2016, p. 46)¹⁸. Verificamos que Almeida faz referência ao espaço, à distância entre objeto e pedido e entendemos que, neste contexto, podemos comparar esta distância a distância entre significante e significado explicada por Lacan (Cf. LACAN, 1998, p. 518-519); assim como todos os efeitos decorrentes desta distância. Ademais, chamamos atenção também para o termo *satisfação-insatisfação* de Almeida. Conforme avançamos até aqui, seria a esta condição que o sujeito estaria, pois, fadado em sua existência: uma *sempre recomeçada satisfação-insatisfação* que seria, em última análise, a justificativa de seu contínuo movimento.

Avançemos questionando: se a palavra vem do *grande Outro* e a parcela inominada é o que há de mais singular no sujeito, podemos concluir que Adão nos deu a resposta de sua escolha no momento que resolveu abdicar de Yaweh e ser atravessado por seu *desejo*? Neste contexto, entendemos que sim. Verificamos na narrativa que o objeto proibido por Yaweh não é capaz de dar total sentido à busca e ao funcionamento de Adão, visto que ele continua funcionando mesmo após comer o fruto proibido. Contrariamente à ameaça proferida por Yaweh de que, caso comesse do fruto, Adão morreria, na continuidade da narrativa Adão segue sua existência *para além* do paraíso. A ameaça de Yaweh: “*do contrário morrereis*”, é

¹⁸ Itálicos do autor.

compreendida por nós como o seu avesso. Algo como: “*do contrário vivereis como sujeito desejante, fadado a frustração e ao movimento até seus derradeiros momentos*”. Dito de outro modo, fadado à *satisfação-insatisfação* para usar as palavras de Almeida ou funcionando *contra* seu próprio *vazio* nos termos de Žižek. Ou seja, no instante em que Adão assume e é atravessado por seu desejo que ele abandona a posição passiva que poderia ter mantido no paraíso.

Prosseguindo nossas análises, retomamos que o sujeito só se encontrará em sua posição de sujeito, em sua singularidade, no preciso momento em que abdicar de buscar isto que lhe falta no *grande Outro* que é capaz de proporcionar apenas o que é da *ordem da necessidade*. O sujeito singular está no lugar do *desejo*, da *falta*, da frustração e da demanda constante que só é interrompida pela morte. Dito de outro modo, ele está fadado a eterna *satisfação-insatisfação* mostrada por Almeida.

Por isso podemos, pois, concluir que Adão escolhe exatamente por sua singularidade. Yaweh era capaz de saciar as necessidades de Adão através do pré-existente, mas não tinha em si o objeto exato capaz de completar Adão. É neste instante que Adão opta por escolher seus próprios objetos, uma vez que no paraíso não haveria a possibilidade desta vivência.

Sustentamos que a expulsão de Adão representa o momento em que o sujeito, em busca de sua singularidade, abdique de buscar o *resto* da operação no *grande Outro*, renunciando à crença de que este segundo tem o que pode lhe completar e adentrando o jogo *fantasístico* do *desejo*.

Neste instante faz-se necessário que retomemos nossas análises sobre os dois momentos de Adão, com Yaweh e *para além* de Yaweh. Para isso retomaremos o que Lacan menciona sobre a inserção da linguagem e determinados efeitos desta inserção. Em um primeiro momento Adão ganha vida, nome e linguagem através da palavra fornecida por Yaweh. Em um segundo momento, utiliza-se dessa linguagem para funcionar como sujeito singular. Pondera Lacan:

Se essa experiência do desejo do Outro é essencial é porque permite ao sujeito realizar esse para-além da articulação linguageira em torno da qual gira isto: é o Outro que fará com que um significante ou outro esteja ou não na presença da fala. (...) está ao alcance do Outro fazer

com que um ou outro dos significantes ali esteja (LACAN, 2016, p. 24).

Através da citação de Lacan, sustentamos nosso entendimento de que Yaweh está justamente neste lugar de, através de seu *desejo*, fornecer ao sujeito (Adão) a linguagem. E, através dos efeitos desta linguagem recebida, Adão estará autorizado a desejar. Havendo, pois, de abdicar, em um segundo momento, de sua busca pelo *grande Outro*. Repita-se que é esta renúncia que o possibilitará buscar no mundo a mais variada gama de objetos e vivências. Salientemos nosso entendimento de não ser por acaso que o sujeito tende a, em um primeiro momento, buscar exatamente no *grande Outro* aquilo que foge à sua capacidade de nomear, como se este fosse o lugar onde está o que ele busca. Entretanto, não tarda para o sujeito se defrontar com o seu *desejo*, o *desejo* daquilo que foi proibido, daquilo que foi impossibilitado.

A expulsão metafórica do paraíso, de acordo com nossa leitura da narrativa, representa o próprio deparar-se de Adão com a *miséria* ou, em outras palavras, com os efeitos do *vazio* e com o próprio *vazio*. Adão depara-se com o sem sentido, com o furo na possibilidade de significação e o lugar de onde pode brotar o seu *desejo* e o seu impulso para movimentar-se no mundo é exatamente este. Não por acaso, Adão encontra seu destino através de Eva. Entendemos aqui a mulher como objeto de desejo do homem. Lembremos, pois, que enquanto habitante do paraíso, Adão não precisava fazer absolutamente nada, podendo permanecer usufruindo dos frutos dos desejos de Yaweh. Podemos ler a figura da mulher também como aquela que apresenta ao homem o caminho por onde abandona a posição de filho para ascender ao lugar de pai.

Prosseguimos nosso escrito retomando a última citação que trouxemos de Lacan e demonstrando a nossa compreensão de que Adão começa a sua jornada no momento em que começa a falar. É no momento em que ganha vida a partir da linguagem fornecida por Yaweh que Adão começa, pois, a se desprender do próprio Yaweh. De acordo com o que mostramos até aqui, podemos então ver Adão como uma parcela do desejo de Yaweh que ganha vida e singularidade próprias, assim se afastando de seu criador? Ao que nos

parece sim, haja vista que qualquer humano só pode nascer através do desejo de outros que o antecedem.

Isto, posto, daremos continuidade analisando o momento do abandono que o sujeito precisa operar, o abandono de seus intentos ante o *grande Outro* e que, antiteticamente, é imposto pelo próprio *grande Outro*. Explicou Lacan:

Esse *Che Vuoi*¹⁹? é, pode-se dizer, a resposta do Outro ao ato de falar do sujeito. Essa pergunta responde – como sempre, diria eu, as perguntas respondem. Essa resposta anterior à pergunta responde a esta, ao temível ponto de interrogação, cuja própria forma articula, no meu esquema, o ato de falar (LACAN, 2016, p. 43).

Analisando a citação, percebemos que Lacan mostra que, ao demandar do *grande Outro* a parcela que resta para sua completude, o sujeito depara-se com a única resposta possível deste *grande Outro*, a saber, “*que queres?*” Entendemos esta resposta em forma de pergunta como o atestado da insuficiência deste *grande Outro* juntamente com uma autorização explicitamente fornecida de um querer. Entretanto, nem o sujeito, nem o *grande Outro* sabem dizer o que o sujeito deseja, tampouco algum dos dois tem o que o sujeito deseja. É neste momento que o sujeito e o *grande Outro* tendem a se desencontrar e o sujeito buscará no mundo os objetos outros através de sua *hiância*. Objetos estes que serão cobertos e descobertos pela própria *fantasia* do sujeito. O que chamamos no título desta segunda parte deste **primeiro capítulo** de *para além*, é precisamente este instante que chegamos com Lacan. O instante do “*Che Vuoi?*” imposto pelo *grande Outro* e impossível de ter sua resposta vociferada pelo sujeito, uma vez que esta pergunta aponta para o que há de mais indizível neste sujeito, para o lugar onde não há palavra que dê *enlace*.

Depois de termos explicado como Lacan entende o funcionamento do sujeito ante o seu *desejo* que começa a emergir a partir do momento da inserção da/na linguagem e dos efeitos do *interdito*, nos servindo da narrativa de Adão presente nas Sagradas Escrituras, optamos por encerrar este capítulo por entendermos que a narrativa que utilizamos não nos pode elucidar outros

¹⁹ *Che Vuoi?* Expressão em italiano que significa: Que Queres?

momento da constituição do sujeito propostas na teoria de Lacan. Ainda de acordo com Lacan, repita-se, o processo de constituição de um sujeito inicia-se em um momento anterior à inserção da/na linguagem e a função de *grande Outro* aparecerá em um momento posterior. Desta maneira, faz-se impossível seguirmos com a analogia que propusemos até aqui.

Concluimos então, através do fato de não estar presente na narrativa o momento da nomeação de Adão, o momento em que ele é atravessado pela linguagem, somando-se à presença explícita de uma proibição nas palavras de Yaweh, que o momento de interdição que podemos verificar na narrativa seria então o segundo momento, o do *interdito* por parte do *grande Outro* no instante em que o sujeito se direciona em busca do que falta para que ele se *enlace* por completo.

Prosseguiremos analisando o instante que não pudemos analisar através da leitura da narrativa, a saber, os momentos da nomeação do sujeito e anteriores. Intentamos percorrer na teoria de Lacan o trajeto do momento anterior à nomeação (à recepção, ao atravessamento pela palavra) até o momento preciso deste atravessamento, da inserção da palavra. Posteriormente, retomaremos sob esse viés a ser explanado, nosso entendimento sobre o emergir do *desejo* e a singularidade do sujeito bem como questões pertinentes que foram desenvolvidas neste **primeiro capítulo**. Buscaremos explicar como o autor entende e explana a formulação do objeto *a* e a inauguração do *desejo*. Para isso, utilizaremos as analogias feitas por Lacan com a matemática.

CAPÍTULO II

DO ENCONTRO COM A LINGUAGEM: O NEGATIVO, A SOMA, O *SPLITTER* E O DESEJO POSSÍVEL.

Neste **segundo capítulo** buscaremos mostrar a teoria de Lacan sobre o trajeto que se dá do momento anterior à inserção, ao atravessamento da/pela linguagem até o momento preciso deste atravessamento. Ademais, mostraremos também os efeitos deste acontecimento na estruturação do sujeito.

Para isto, nos focaremos, sobretudo, no “*Seminário, Livro 9: A identificação (1961/1962)*” de Lacan, por entendermos ser ao longo deste seminário que Lacan formula, a partir de uma analogia com o conceito matemático de números imaginários, a sua teoria a respeito da constituição do sujeito desembocando finalmente na explanação de seu conceito de objeto *a*. É este percurso que analisaremos neste capítulo.

Ao começar a elaborar esta teoria e os conceitos que a orientam e em torno dela orbitam, Lacan diferencia o *interdito* do *não-dito*. O grande foco do pensamento de Lacan volta-se para o *não-dito*, para aquilo que ele vai chamar de um *-1* no mundo e de onde ele explica ser o lugar de onde nasce, de onde brota o sujeito *desejante*. Neste **segundo capítulo** analisaremos estas ponderações.

2.1 NO INÍCIO ERA O “*i*”.

Analisaremos nesta seção a analogia que Lacan faz para explicar como ele entende este período do processo de constituição do sujeito. Lacan toma emprestado da matemática o conceito de número imaginário *i*, justificando que é de um *i* que se trata o lugar do sujeito neste momento anterior à sua nomeação, ao seu atravessamento pela linguagem (Cf. LACAN, 2014, p. 109-111).

Na matemática, a letra i é utilizada para designar a um número que, em última análise, não existe - O i é a raiz quadrada de -1 ($\sqrt{-1}$)²⁰. Utilizado pelos matemáticos, o i serve para dar continuidade a uma equação que desemboca em uma raiz de qualquer número negativo. Esclarecemos, pois, que o conjunto dos números complexos (onde se situa o i) foi criado exatamente com o intento de dar continuidade a estas equações que anteriormente não tinham solução. Para as diretrizes matemáticas vigentes até então, era impossível extrair a raiz de um número negativo, visto que qualquer número multiplicado por si mesmo, seja ele positivo ou negativo, sempre resultará em um número positivo. Desta maneira, foi criado o conjunto dos números complexos, que abarca, além dos números reais, os números imaginários.

A utilização prática do número imaginário pode ser explanada de maneira razoavelmente simples para justificar a analogia da qual Lacan se serve. Visto que i é igual a $\sqrt{-1}$, no momento que uma equação qualquer desemboca em uma raiz de um número qualquer negativo, basta multiplicar esta raiz de um número negativo por $\sqrt{-1}$. No momento em que se multiplica uma raiz negativa por outra raiz negativa, obtém-se uma raiz positiva e a equação pode prosseguir sua resolução normalmente. Entretanto, sempre acompanhada do i ao lado da raiz multiplicada por ele ou do resultado dessa raiz.

A partir do momento em que recorreremos ao conjunto dos números complexos para efetuar a resolução de uma equação que desembocou na raiz negativa e que, portanto, se tornou impossível através dos números reais, esta equação poderá então ter resolução conforme mostramos acima, todavia, permanecerá com o sinal, com a letra (i) ao lado da raiz já calculada do número. Assim podemos dizer então que i é um número que não pode ser representado. Ele não tem figura, desenho ou demonstração possível dentro das conhecidas e utilizadas pela matemática a não ser como $\sqrt{-1}$ (Cf. LACAN, 2014, p. 109). Dentro do conjunto dos números reais, não existe possibilidade de cálculo para esta raiz. Assim sendo, o resultado da equação à qual se recorre ao conjunto dos números complexos só é aceitável e possível de ser

²⁰ Servir-nos-emos também dessa representação de i ($\sqrt{-1}$) por Lacan ter também utilizado seu representante numérico para elaborar o que mencionamos como um -1 no mundo.

representado através de um número composto por parte real e parte imaginária²¹.

A parte real é um número real qualquer presente anteriormente na equação e a parte imaginária fica sendo a raiz (calculada ou não) de um número negativo que foi multiplicada por i . Trazemos então como exemplo o resultado de uma equação qualquer desemboque em: $\sqrt{-16} + 4$, tudo isso dividido por 2. Visto a impossibilidade de resolução desta operação dentro do conjunto dos números reais, recorre-se aos números complexos. Resolvemos então a equação multiplicando a raiz negativa por i . Temos: $(\sqrt{-16}i + 4) \div 2$. Neste momento, $\sqrt{-16}$ torna-se $\sqrt{16}$ podendo normalmente ser extraída. Temos, pois, 4. A forma de demonstrar essa resolução de nossa equação na qual fizemos uso dos números complexos é: $(4i + 4) \div 2$, totalizando: $2i + 2$. Aqui começa a analogia de Lacan.

Demonstramos a impossibilidade de representação de i , pois, no resultado de nosso exemplo, i é esta figura não representada como número, não possível de ser materializada dentro dos recursos existentes (na matemática), algo que não tem demonstração possível a não ser através de um símbolo que sinalize sua existência e sua utilidade prática em um dado momento, todavia, é por conta deste i que a equação se torna possível. É em torno deste não representável que é possível dar um encaminhamento possível à equação. Lacan, ao longo de seu “*Seminário, Livro 9: A identificação (1961/1962)*” serve-se deste conceito, primeiramente, para dizer que o sujeito, antes de seu nascimento, está no lugar de i em relação ao desejo dos que o antecedem.

Verificamos que Lacan explica que o *sujeito falado*, o sujeito que ainda não nasceu, de determinada maneira encontra-se em um lugar em volta de qual o desejo e discurso dos seus antecessores orbita. Haja vista que este momento é anterior ao nascimento, compreendemos que ele ainda não tem forma devido à impossibilidade de tê-la. Este sujeito é falado pelos outros. Pelos pais e por quaisquer outros que ambientem seu meio próximo, sendo assim, ele é o i . Ele é essa partícula que não tem forma nem demonstração possível dentro do que é conhecido. No entanto, é em volta exatamente dessa

²¹ Apesar da possibilidade de analogias com o conceito de *imaginário* de Lacan, neste momento, este termo descreve unicamente o conceito matemático de número imaginário.

partícula que toda a equação do desejo de seus antecessores se torna possível. É em volta dele que toda essa equação se desenrola. Para Lacan, seria então neste instante que o processo de constituição do sujeito se inicia? Antes mesmo de seu nascimento, talvez antes mesmo de sua concepção? Com efeito, Lacan atribui crucial importância a este momento anterior à nomeação.

Deduzimos que, no momento em que este lugar de *i* é determinado e um discurso começa a ser tecido e se desenrolar em volta dele, um desejo começa também a se desenhar e a tomar forma em torno dele, assim funcionando em torno deste lugar circunscrevendo-o. Neste lugar já se tem o início do processo de constituição de um sujeito que poderá (ou não) vir a emergir dando continuidade ao mencionado processo. Por esta razão, Lacan sustenta que este processo pode se dar inclusive antes da concepção. No caso de um filho planejado com antecedência, entendemos que este lugar de *i* é constituído a priori. Desta forma, temos que, a formação deste lugar *i* primordial é o primeiro passo que desencadeará todo o processo de constituição. Note-se que este lugar não depende da existência real do sujeito, assim como não depende de uma gravidez tampouco de uma concepção. Na verdade, este lugar só existe por conta da inexistência de um ser real materializado, simbolizado. Tal como na equação matemática que desemboca em uma raiz de número negativo, é da inexistência de algo possível que se *cria* esta partícula imaginária²².

Podemos entender então que Lacan dá continuidade (e desenvolvimento) ao entendimento de que, evidentemente, sujeito algum pode nascer pelo próprio *desejo*? Com efeito, todo e qualquer sujeito só pode ganhar existência a partir de um desejo anterior a ele, de outros que não ele. Para isso, faz-se necessário que este desejo comum se desenrole em torno de um lugar. Constitui-se para isso, pois, o lugar de *i*. Este lugar de *i*, apesar de surgir totalmente de desejos alheios que não o do sujeito que dali poderá advir, não deixa de representar, seguramente, um lugar sólido. Dito em outras palavras, existe neste lugar um buraco que representa um sujeito inexistente, um negativo que é necessário para dar sustento e direcionamento ao desejo de

²² Escolhemos o termo *criar* por entendermos que ele dá fidedignidade à analogia feita por Lacan. Historicamente, os números imaginários (o conjunto dos números complexos) foram *criados* para possibilitar a continuidade das mencionadas equações.

que ali exista alguém. É neste espaço que endentemos residir o ponto inicial da estruturação humana. A partir do momento que existe o desejo de que exista um novo sujeito, enquanto ele não existe, a ele é dado o lugar de *i* e é em volta disto que passará a circular, a circunscrever e se desenrolar o desejo dos que desejam que ele exista.

Lacan então segue sua analogia com a *matemática* (Cf. LACAN, 2014, p. 108-111); mostrando que uma equação que não tinha possibilidade de resolução pode se desenrolar a partir da introdução da *partícula imaginária* que, apesar de impossível de ser representada da mesma forma que os demais elementos da equação, passará a *coexistir* na própria equação, lado a lado com os demais elementos, possibilitando a continuidade desta equação, sua organização, seu desenrolar e sua resolução.

Lacan atribui a este lugar uma função indispensável para que exista um sujeito constituído e esclarecemos nossa conclusão de que o sujeito, no momento em que ganha o lugar de *i*, se torna então o *i* na equação do desejo dos seus antecessores. Com efeito, o sujeito, no momento que começa a ser *falado*, é *i*. Ora, e não poderia ser de outra forma, os pais falam de um sujeito que ainda não tem forma e que talvez não tenha sido sequer concebido. Ante esta ausência de forma, ele é representado de uma maneira possível, ele é representado como *signal* de que ali existe algo por volta do qual toda uma equação se organiza e se orienta. Ou melhor, na medida mesma em que este discurso orbita este lugar, ele também o circunscreve. Concluimos então, que mesmo sem a existência de um sujeito, já existe neste instante inicial um investimento destas figuras antecessoras neste lugar e neste futuro sujeito. É preciso de um negativo e de uma figura imaginária criada pelos pais para que ali comece a estruturação de um futuro sujeito. No processo de constituição do sujeito, o negativo primordial seria aquilo que aponta para um furo, uma falta, para a qual será apontado, direcionado e investido o desejo dos pais. É deste negativo primordial que alguma coisa se faz possível.

Mostramos, pois, na primeira parte deste capítulo, como Lacan se serviu do conceito de número imaginário para demonstrar sua teoria a respeito do início da constituição do sujeito. Na parte que segue, demonstraremos a equação que Lacan formula, ainda se servindo dos números imaginários e

analogias com a matemática, para demonstrar o momento próprio do nascimento do sujeito no mundo e da inserção da palavra. Desenvolveremos questões pertinentes sobre os efeitos da palavra e do momento preciso do enlace do sujeito pelo significante e do enlace do significante pelo sujeito.

2.2 *i + 1* E O *SPLITTER*:

O *+1* é como Lacan demonstra o momento do atravessamento do sujeito pelo significante. Em outras palavras, o *+1* da equação representa o momento em o sujeito *i* recebe, é atravessado, *enlaçado*, pela palavra, pelo *significante*. Já o termo *splitter* é utilizado pelo autor em seu “*Seminário, Livro 9: A identificação (1961/1962)*” para se referir a uma parte da operação que ocorre logo após o *enlace* do sujeito pelo *significante* e vice versa. A partir destas considerações, nós nos centraremos agora sobre equação que dá nome a este subitem. Conforme explica Lacan:

(...) a primeira coisa que nós encontramos é o seguinte: é que a relação essencial desse algo que buscamos como sendo o sujeito, antes que ele se nomeie, no uso que ele pode fazer de seu nome simplesmente para o ser significante do que há a significar, isto é, da questão do significado justamente dessa adição dele mesmo com seu próprio nome, é imediatamente o *splitter*, dividi-lo em dois, fazer com que só reste uma metade de literalmente $(i + 1) \div 2$, daquilo que havia em presença (LACAN, 2014, p. 111)²³.

Vejamos então, primeiramente o *i + 1* para, depois, analisarmos o *splitter* que é demonstrado pela divisão por dois ($\div 2$) na equação de Lacan. A equação se compreende como o *i + 1* que, seu resultado, é imediatamente dividido por 2, sendo o *i* o sujeito que acaba de nascer, o *1* é a palavra, o significante que lhe é apresentado pelo mundo exterior e, por último, a divisão por 2, o *splitter*, que ocorre após a soma de *i* com 1. Evidentemente também não deixaremos de dedicar espaço neste momento para ilustrar nossa compreensão sobre a *significação* salientada por Lacan na citação.

²³ Itálicos do autor.

Deduzimos que o momento do $i + 1$ também pode ser entendido como o momento preciso da nomeação, o momento em que o sujeito recebe o próprio nome e algo precisa fazer com esta palavra, algo precisa ser significado com esta palavra que ele recebe, com este significante que o mundo lhe dá. Lacan esclarece que “(...) é sempre de fora que vem inicialmente o que se chama aqui de processo interno” (LACAN, 1983, p. 181). Contudo, neste ponto devemos avançar com bastante cautela, pois, visto que este processo desemboca precisamente no *splitter*, na divisão por 2, temos pois a questão que se forma: onde fica o sujeito? O que significa esta divisão e onde está cada uma das partes? Ou melhor, em que parte ele está?

Desenvolveremos essa questão iniciando nossas análises sobre o $i + 1$. Mostramos que os antecessores direcionam e investem seus respectivos discursos em torno de um lugar que, a princípio, é *vazio*, haja vista que não há sujeito algum neste espaço ainda. Já em um segundo momento, em suas respectivas *fantasias*, estes antecessores começam a dar forma a este ser, note-se, porém, que esta forma dada não compete a ele (o sujeito) de fato, ela é apenas um fruto da *fantasia* de seus antecessores.

Paradoxalmente, tal como na matemática, o i só é demonstrado desta maneira por não ter representação própria. Concluímos então que Lacan utiliza o i (tal como os matemáticos) para se referir a algo que, em última análise, não tem forma. Ora, não seria contraditório mostrar que os pais dão ao sujeito a forma de i e, ao mesmo tempo, explicar que este sujeito não tem forma? Com efeito, temos, pois, que: para os pais, na *fantasia* deles, este *sujeito falado* tem uma forma definida, entretanto, o sujeito propriamente não tem forma alguma ainda.

Na matemática, o i é uma maneira de quem está fora sinalizar que a equação que outrora desembocou em uma raiz de número negativo continua e se orienta a partir da inserção do i , mas o i propriamente não é um número possível. Na analogia de Lacan, o sujeito, enquanto *falado*, não tem forma alguma. O i (da equação de Lacan) é apenas uma maneira de demonstrar que, em volta dele (do *sujeito falado*), se orienta um desejo anterior ao próprio sujeito que está por vir. Inferimos, pois, que na teoria de Lacan, o sujeito enquanto i ainda não é um sujeito propriamente constituído. Para os pais, i é

um sujeito, tem forma e discurso (dos pais) dirigido e orientado. Entretanto, para ele (sujeito) este momento de maneira alguma representa uma estruturação.

Este é a etapa imediatamente posterior ao primeiro passo que desencadeia todo o processo de constituição de um sujeito. Ou seja, retomando o que desenvolvemos até aqui: podemos concluir que o primeiro passo se dá quando o sujeito ganha o lugar de *i* e, ato contínuo, a segunda etapa se dá no momento em que um discurso começa a orbitar e ao mesmo tempo circunscrever este lugar? Com efeito, logo após o sujeito ganhar o lugar de *i*, ocorre toda a estruturação do discurso e do desejo dos seus antecessores em torno deste lugar. Dito de outro modo, a partir do momento em que o primeiro passo se dá, o processo de organização de um *desejo* e de um discurso passa a se orientar em volta deste passo e de seus primeiros efeitos.

É com a presença do sujeito, ou seja, após o nascimento, que começa a se dar o *i + 1* e é aqui que a parte da estruturação propriamente dita (para o sujeito a ser significado e constituído) se dá. Neste sentido, Lacan esclarece que o *sujeito falado* começará a fazer sua *passagem ao estado humano* no momento em que receber o seu nome (Cf. LACAN, 1983, p. 182).

É neste momento que, para resgatar a citação última de Lacan sobre a equação, *o sujeito é o que há a significar*. Este é o instante da junção dele com o seu próprio nome. O *i + 1* também pode ser lido como: *sujeito falado* ou *sujeito sem forma + o seu nome*. O *sujeito falado* nasce uma *incógnita*. Ele não tem forma a não ser para os pais, em última análise, ele ainda não é sujeito. Conforme pondera Žižek, antes de passar pela *sobreposição de duas faltas*, ele é *substância* (CF. ŽIŽEK, 2017, p, 46-47). É com o atravessamento pela linguagem que este processo começa a se dar para ele (sujeito). Conforme pondera Lacan: "(...) é do efeito do significante que surge o sujeito como tal" (LACAN, 2014, p. 58).

Ora, podemos então concluir que um sujeito começa a se estruturar no momento em que ganha o lugar de *i* no discurso exterior (no momento em que emerge como *sujeito falado*), mas o próprio sujeito só pode dar prosseguimento a este processo a partir do efeito do significante, da palavra? Ao que nos parece, é isso que Lacan defende quando insiste: "Se se deve definir em que

momento o homem se torna humano, digamos que é no momento em que, por menos que seja entra na relação simbólica” (LACAN, 1983, p. 182). Contudo, paradoxalmente, este significante também vem do mundo exterior e para continuar desenvolvendo esta pergunta, adentraremos a questão do *splitter*. Lacan alerta para o fato de que o *splitter* se dá imediatamente após a adição do sujeito com seu próprio nome. Ou seja, no momento em que o sujeito abraça o significante, ele está fadado ao *splitter*.

O sujeito não nasce formado nem falante. Conforme assevera Lacan: “Se o sujeito fala, para falar ele tem de entrar na linguagem e num discurso pré-existente” (LACAN, 2016, p. 19); ou seja, ele recebe do mundo externo uma linguagem que, evidentemente, é anterior a ele. Neste instante, ele precisa fazer alguma coisa com esta palavra, com este significante. Para trazermos novamente Lacan, ele precisa fazer algo com o *próprio nome* que ele recebeu do mundo externo.

Com efeito, não é por acaso que Lacan utiliza o *i* para se referir ao sujeito. O *i* demonstra o irrepresentável e entendemos ser disso que se trata. O sujeito é irrepresentável em sua *singularidade*²⁴. Ele só pode ser representado nessas criações do discurso externo. O nome que o representa foi criado antes dele, por sujeitos anteriores a ele, com letras anteriores a ele e em uma língua anterior a ele. Em última análise, nada disso tem a ver com ele, mas, antiteticamente, é isso que ele terá para fazer alguma coisa.

E é aqui que se dá o *splitter*. Lacan descreve o *splitter* como sendo o instante em que o sujeito, mesmo não sendo representado como um todo por este significante externo, ainda assim o *enlaça* e é *enlaçado* por ele e, ato contínuo, se divide. Neste momento o que o sujeito tem de singular passa a *coexistir* como *descarte*. Visto que a língua externa não pode nomear todo este sujeito irrepresentável, mas ainda assim é o que o sujeito tem para representar alguma coisa, ele enlaça esta língua. Concluimos então que: estando constituído nesta língua externa, funcionando, se comunicando, fazendo laço com esta língua externa, o singular irrepresentável continua irrepresentável e fadado a eternamente não ser representado em decorrência da própria

²⁴ Escolhemos o termo *singularidade* para diferenciar neste momento o que é do sujeito e o que é do mundo externo. Conforme explicamos, tanto o lugar de *i*, como o próprio significante, advém do mundo externo.

dinâmica do *enlaçamento linguístico*. Conforme explica Žižek: “(...) a própria existência do ser humano enquanto ser-de-linguagem encontra-se sob o signo de uma falta irreduzível e constitutiva” (ŽIŽEK, 2017, p. 202). Ou seja, podemos concluir que o que Žižek chama de *falta irreduzível e constitutiva* seria então este *singular irrepresentável*?

Ora, mostramos que a língua externa, para Lacan, não é capaz de representar todo o sujeito. Desta forma, podemos concluir que *i* é maior que aquilo que a palavra pode enlaçar, o contorno que o significante pode dar não é suficiente para contornar o sujeito por completo. Desta maneira, entendemos que é ao deixar se enlaçar pelo significante que vem do mundo externo que o sujeito renuncia a enlaçar então ao que lhe é mais singular, contudo, conforme pondera Žižek, esta renúncia é *constitutiva*, ou seja, necessária para que o sujeito se constitua.

Isto, posto, avançaremos então esclarecendo o que é o *splitter*, a divisão por 2. Se no momento em que o sujeito enlaça e é enlaçado pelo significante ele deixa necessariamente para trás uma parte que não pode ser significada, é neste preciso instante que ocorre a divisão do sujeito em 2. Uma parte dele está localizada e *enlaçada* nesta (e por esta) palavra advinda do mundo externo, outra parte fica *foraclusa*, não nomeada, não dita, funcionando como um -1. Conforme pondera Lacan:

O -1 constitutivo (...), nós o vemos assim ligado à estrutura mais primitiva de nossa experiência do inconsciente, na medida em que ela é aquela, não do interdito, nem do *dito que não*, mas do *não-dito*, do ponto onde o sujeito não está mais (LACAN, 2014, p. 170)²⁵.

Analisando a citação acima, verificamos que Lacan atribui ao -1 o status de *constitutivo*, mesmo termo do qual Žižek se serve conforme mostramos anteriormente. Será então a partir deste -1 que o sujeito constituirá seu desejo, formará o objeto *a* e tirará toda a impulsão para o seu funcionamento no mundo? Conforme explica o próprio Lacan: “(...) há um *vazio* e é daí que vai partir o sujeito” (LACAN, 2014, p. 170)²⁶. Deduzimos que este *vazio* ao qual

²⁵ Itálicos do autor.

²⁶ Devemos salientar que mantivemos o termo *vazio* utilizado por Lacan ao longo destas lições de seu seminário. Todavia, nos cabe explicar que no mesmo seminário, em um momento posterior, Lacan diferencia claramente o *vazio* do *nada*. Dedicaremos espaço nesta dissertação

Lacan se refere seja o -1. Desta forma, concluímos então que, o lugar do -1, o lugar do *não dito* seja de onde *vai partir o sujeito*, conforme mostra Lacan.

Constatamos então, que, a questão que formulamos ao término do **primeiro capítulo**, possa começar a ser observada de outra maneira por meio do que discorreremos até aqui. Tendo em vista que Lacan diz que este -1 não se trata do efeito do *interdito* ou do *dito que não*, podemos concluir que a narrativa das Sagradas Escrituras da qual nos servimos, definitivamente não abarca este momento ao qual Lacan se refere. O -1 primeiro é anterior à linguagem e, evidentemente, ele é anterior ao *interdito*. Apesar de mostrar-se no momento da inserção da linguagem, ele é anterior a este atravessamento. Dizendo de outra maneira, para que algo seja *interditado*, este algo precisa existir e é em virtude deste -1 que isso que será *interditado* poderá existir.

Note-se também que a proibição por parte de Yaweh é tecida nas malhas da linguagem, ela é direcionada a uma demanda possível qualquer. Já o que Lacan chama de -1 é anterior, pertence ao *não dito*. Ele representa então a renúncia que o sujeito faz de si mesmo para poder entrar no mundo. O sujeito *fora clui* uma parte de si para poder fazer uso do significante e entrar no mundo e na linguagem. Ou melhor, Lacan ensina que o sujeito, em sua constituição, será encontrado *fora cluído*. Pondera Lacan: “Dizer que o sujeito constitui-se primeiramente como -1 é algo onde vocês podem ver que efetivamente, como era de se esperar, é como *verworfen* que nós o vamos encontrar” (LACAN, 2014, p. 178)²⁷. Conforme podemos verificar na citação, Lacan inclusive explica que é neste lugar *fora cluído* que o sujeito está. Podemos então concluir que o sujeito é então esta parcela *fora cluída*? Ora, concluímos até aqui que a parcela mais *singular* é *fora cluída* e que esta operação é *constitutiva*, contudo, ainda não podemos verificar onde está o sujeito.

Podemos concluir até aqui que é do -1 que surgirá a demanda que será submetida ao *interdito*. Retomando a analogia presente no **primeiro capítulo**, podemos deduzir que a proibição por parte de Yaweh refere-se precisamente a este segundo momento, ao momento do *interdito*. Entretanto, é-nos importante

para explanar esta diferença. Contudo, adiantamos que Lacan neste momento parece falar do que futuramente chamará de *nada*. É no *nada* que residirá o objeto a do qual falaremos também posteriormente nesta dissertação.

²⁷ Fora cluído. Itálicos do autor.

salientar que o -1 continuará a exercer seus efeitos. É dele que surge a demanda a ser *interditada* assim como o *desejo* já orientado pelo *interdito*.

Verificamos que Lacan esclarece esta divisão de momentos, a saber do *interdito* e do *não dito* quando explica:

O -1, que é o sujeito nesse nível em si mesmo, não é de forma alguma subjetivado, não se trata ainda, de forma alguma, de saber ou de não saber. Para que alguma coisa da ordem desse advento aconteça, é necessário que todo um ciclo seja fechado, ciclo do qual a privação é apenas, portanto, o primeiro passo (LACAN, 2014, p. 194).

Sendo assim, deduzimos que, para Lacan, é a composição destes sucessivos momentos que desembocará na constituição do sujeito em um instante posterior. O -1 da equação é apenas o *primeiro passo* em que já se tem o sujeito presente, todavia conforme nos alerta Lacan: *ainda não subjetivado*.

Encerraremos esta seção na qual desenvolvemos a equação proposta por Lacan, para seguir para a seguinte onde mostraremos os efeitos desta equação. Analisaremos as questões que se referem ao sujeito que desemboca no *interdito* assim como as formulações de Lacan sobre o que é interditado e de como isso passa a operar no mundo e a movimentar o sujeito. Evidentemente que, para isso, recorreremos às formulações lacanianas sobre relação do sujeito com o significante, mostraremos também a diferenciação entre *vazio* e *nada* que Lacan faz no final de seu “*Seminário, Livro 9: A identificação (1961/1962)*”. É após a diferenciação seguida de explicação destes dois conceitos, que Lacan esclarece também os efeitos e consequência de cada um dos dois.

2.3 O SIGNIFICANTE, O DESEJO, O VAZIO E O NADA

Nesta seção mostraremos as elaborações de Lacan sobre os conceitos que a intitulam. Estes quatro conceitos são cruciais na teoria de Lacan e é em volta deles que orbita toda a compreensão e elaboração dele sobre o surgimento do sujeito. Mostramos que Lacan dá vasta importância à

linguagem, à palavra e ao significante em sua teoria a respeito da constituição do sujeito. Conforme assevera o próprio: “(...) o sujeito nada mais é que a consequência de que há significante e que o nascimento do sujeito prende-se a isso: que ele só pode se pensar como excluído do significante que o determina” (LACAN, 2014, p. 298).

Note-se que, nesta citação, Lacan faz um compêndio de diversas questões que são pertinentes ao que estamos demonstrando. Seguindo nossa escrita, trazendo novos dados e fazendo as devidas conexões com o que já mostramos, notamos que, no momento em que Lacan afirma que o sujeito só pode *se pensar como excluído do significante que o determina*, ele faz uma referência ao que abordamos quando falamos sobre a equação $(i + 1) \div 2$. Ao falar da equação, mostramos que no instante do atravessamento, do *enlace* pelo significante, o sujeito abdica de algo, *fora clui* uma parcela de si para poder enlaçar significante que vem do mundo externo. Ou seja, para constituir-se neste (e com este) significante que vem de fora, o sujeito *exclui* uma parte de si. O que é de mais singular nele é excluído.

O que mostraremos a seguir é a função assim como as consequências desta exclusão. Também mostraremos a relação que o sujeito estabelecerá com o *vazio* que surgirá após esta inserção. Ou melhor, com o *vazio* e com o *nada*. Além disso, mostraremos como Lacan explica o nascimento do *desejo* do sujeito, portanto, do seu próprio nascimento. Conforme nos alerta Lacan, o nascimento se dá em decorrência deste processo. Explica Lacan: “(...) o desejo se constrói no caminho de uma questão que o ameaça e que pertence ao domínio do “não ser”” (LACAN, 2014, p. 233). Note-se que o “*não ser*” destacado por Lacan é o local de emergência do *desejo*, ou seja, para ele, é neste ponto *fora cluído* que poderemos encontrar o surgimento do desejo.

Isto, posto, daremos início às nossas análises referentes a determinadas ponderações de Lacan sobre o significante para depois desembocarmos na questão do *desejo*, do *vazio* e do *nada*.

Conforme mostramos no **primeiro capítulo**, Lacan, em seu texto intitulado “*A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*”, demonstra a limitação própria, inerente ao significante através da fórmula: “S/s” (LACAN, 1998, p. 518). Onde S é o significante e s o significado, entre os dois

encontramos o sinal / que é a *barra*. Lacan descreve, no mesmo texto, a *barra* da seguinte maneira: “O sinal / (...), manifesta aqui a manutenção da barra /, que marca no primeiro algoritmo a irreduzibilidade e que se constitui, nas relações do significante com o significado, a resistência da significação” (LACAN, 1998, p. 519). É este instante que afirmamos como sendo o que nos cabe analisar a respeito da relação do significante e do seu significado na constituição do sujeito. Se Lacan aponta uma *irreduzibilidade* entre os dois, uma *resistência da significação*, é deste apontamento que nos serviremos para dar prosseguimento às nossas análises. O sujeito falado (*i*), no momento em que se faz presente, é atravessado pelo significante, contudo, não pode de maneira alguma ser *reduzido* a esse significante. Note-se que o termo *irreduzível* é utilizado tanto por Lacan, como por Žižek. Desta maneira, concluímos que ele não cabe nesta *fôrma* do significante. No momento do enlace entre o significante e o *sujeito falado*, ocorre uma adaptação, o sujeito se molda ao significante externo e, para isso, *foracelui* uma parte de si mesmo. Conforme assevera Lacan: “O significante determina o sujeito, o sujeito toma dele uma estrutura” (LACAN, 2014, p. 344); através desta citação de Lacan, poderíamos então sustentar o termo *adaptação*? Ora, o próprio ato da renúncia a uma parcela de *enlace* bem como a constatação da impossibilidade de total *enlace* por parte do significante nos leva a concluir que o sujeito se adapta parcialmente ao significante e, paradoxalmente adapta o significante a ele, *toma dele sua estrutura* conforme explica Lacan.

Desta maneira, ocorre a *foracclusão* da parcela do sujeito que é *irreduzível* ao significante. Lacan, no mesmo trecho assevera: “(...) o significante é corte” (LACAN, 2014, p. 234). Assim sustentamos que é uma *parcela* do sujeito que se reduz ao significante. É uma das partes decorrentes do *splitter* que fica dentro da *fôrma* do significante e, assim, pode servir-se do significante para ter forma. Deduzimos que adaptar-se ao significante é submeter-se ao corte.

A parcela do sujeito que permanece *foraculída* é o que, na fórmula de Lacan, a saber, S/s, é indicado pela *barra*. Se, para Lacan, a distância, a diferença, a *irreduzibilidade* entre significante e significado é representada pela *barra* e o nome recebido também é um significante atribuído a um significado

(sujeito), podemos concluir, pois, que esta fórmula também nos serve para apresentar nossas análises sobre a nomeação, sobre o atravessamento pela linguagem. A aplicação seria a mesma e é desta *barra*, dos efeitos dela, do que ela representa e para o que ela aponta e *causa* no sujeito, que surgirá o *desejo*.

Se o *desejo* pode também ser entendido como o movimento que sujeito faz em busca de anular a *barra*, assim como, aquilo que o impulsiona em busca do significante último, daquele objeto que, por fim, daria total enlace aos seus espaços em aberto, podemos dizer que, ao mesmo tempo em que busca este objeto ulterior, o sujeito também se *apavora* ante qualquer possibilidade de encontrá-lo? Com efeito, é esta impossibilidade que mantém o sujeito em movimento. É a eterna *satisfação-insatisfação*, retomando o termo de Almeida, que mantém e sustenta a busca. Ora, paradoxalmente, o sujeito deseja este objeto que realizaria plenamente seu *desejo*, busca reduzir o significante ao significado anulando a *barra*, contudo ao mesmo tempo, essa realização mostra-se apavorante e repulsiva uma vez que resultaria na total estagnação do movimento. Žižek, em seu livro: “*Bem vindo ao deserto do real*” explica que ao se chegar muito perto do objeto desejado, as fantasias eróticas se transformam em repugnância (Cf. ŽIŽEK, 2003, p. 20). Note-se que Žižek, ao se referir às fantasias eróticas, explica que, no momento da eminência de uma realização plena, o sujeito tente a recuar. Desta forma, o termo *repugnância* escolhido por Žižek pode nos fazer concluir que o sujeito hesita no momento em que está próximo do encontro com um objeto que supostamente seria pleno? Ou melhor, o sujeito recua no momento em que ele tenta sorver de um objeto a plenitude? De acordo com o que mostramos até aqui, não poderia ser de outro modo. O total enlace representaria a morte, ou o retorno ao estado de *substância* para retomarmos o termo de Žižek.

Contudo, para que possamos desenvolver com mais propriedade esta relação do sujeito com aquilo que o coloca em movimento, precisamos avançar nossas análises sobre os conceitos de *vazio* e de *nada* que Lacan propõe. Parece-nos que, ao se deparar com a dificuldade em distinguir o -1 primordial daquilo que representa a insatisfação inerente ao sujeito, Lacan precisa dividir o conceito, ou melhor, criar um novo conceito, desta forma, ele cria então o

conceito de *nada*. Como ele faz esta elaboração e esta distinção? É isso que mostraremos a seguir.

Iniciaremos o desenvolvimento desta questão pelo *vazio*. Lacan o situa o como aquilo que movimenta a demanda do sujeito, como aquilo que a mantém, que dá suporte a ela. Parece-nos que no preciso momento em que o teórico dá início às suas explicações sobre esses dois conceitos, ele assevera claramente a relação do *vazio* com a manutenção da demanda juntamente com a relação estabelecida entre esta manutenção e seu entendimento (do teórico) sobre a distância entre significante e significado, a saber, a fórmula S/s. Pondera Lacan:

Pois, se definirmos a demanda por isto, que ela se repete e que ela não se repete senão em função do *vazio* interior que ela cerca – esse *vazio* que a sustenta e a constitui, esse *vazio* que não comporta, lhes assinalo de passagem, nenhum jogo de qualquer modo ético, nem ridiculamente pessimista, como se existisse um pior excedendo o ordinário do sujeito, é simplesmente uma necessidade de lógica abecedária, se posso dizer – toda satisfação apreensível, quer a situem sobre a vertente do sujeito ou sobre a vertente do objeto, faz falta em relação à demanda. Simplesmente, para que a demanda seja demanda, a saber, que ela se repita como significante, é preciso que seja decepcionada. Se não o fosse, não existiria suporte para a demanda (LACAN, 2014, p. 350).

Constatamos nesta citação que Lacan situa o *vazio* no interior da demanda. Para ele então, o *vazio* é a parcela de inapreensível com que o sujeito se depara no momento em que qualquer coisa que ele (sujeito) encontre no mundo não o satisfaz completamente. Concluímos que o essencial para que o sujeito continue demandando é exatamente que esta demanda não seja totalmente saciada. Esta demanda insatisfeita surge do contínuo encontro do sujeito com o S (significante), que é separado do s (significado) pela *barra*. Note-se também que Lacan enfatiza que não há atribuição de qualificação possível, *boa ou ruim*, a este *vazio*, ele é simplesmente algo que *coexiste* para que o sujeito continue existindo, ele é algo necessário e *constitutivo*, conforme pondera Žižek. O *vazio* seria então a condição para o funcionamento possível do sujeito ante a dinâmica que se estabelece. Ele busca continuamente preencher esse *vazio*. Contudo, esta busca está sempre fadada à frustração e ao insucesso. Note-se, porém, que nesta dinâmica circular, repetitiva e

frustrada em busca de suturar esse *vazio*, o sujeito goza. Em outras palavras, além da frustração e juntamente com a própria frustração também, o sujeito encontra o gozo. O sujeito goza dos objetos que encontra e goza também na frustração, na decepção. Paradoxalmente, o gozo na frustração existe e pode ser ainda maior que o gozo da satisfação parcial. A constatação da incapacidade de determinado objeto suturar o *vazio* é decepcionante e ao mesmo tempo, antiteticamente, libertadora.

Já o *nada*, ao contrário de consequência do funcionamento da demanda, seria, paradoxalmente em relação ao *vazio*, sua causa. O *nada* seria a consequência do primeiro encontro do sujeito com o significante, seria decorrente do *splitter*, do -1 primordial e é este *nada* que Lacan aponta como local onde se formará o objeto *a*, também chamado por Lacan, de *objeto causa do desejo*. Justamente sobre esta diferenciação entre *vazio*, *nada* e localização do objeto *a*, Lacan explica:

(...) esse *vazio* é diferente daquilo que está em questão, no que concerne ao *a*, o objeto do desejo. (...) *a*, o objeto do desejo, não poderia de modo algum ser evocado nesse *vazio*, cercado aqui pelo laço da demanda. Ele deve ser situado no buraco que chamaremos de *nada fundamental* (LACAN, 2014, p. 351)²⁸.

Analisando a citação, podemos concluir que, para Lacan, o *vazio* é, conforme já mostramos, a parcela de inapreensível com que o sujeito se depara em sua busca, já o *nada* se refere a outro lugar. O *nada* é o que se desenvolve a partir do ponto de *forclusão* inicial e estruturante e *constitutivo* do sujeito, a consequência do *splitter*, o preço do atravessamento pelo significante. Deduzimos que o sujeito que fala e interage no mundo é um corte, um talho, uma fatia deste *nada* que ganhou forma no mundo e no discurso exterior a ele próprio. Ele é um *resto* mais ou menos estruturado fora de si mesmo, daquilo que outrora foi *nada* absoluto, daquilo que outrora foi *i*, a partícula imaginária.

Para situar o *vazio* e o *nada*, recorreremos novamente às explicações de Lacan quando ele afirma que o sujeito, ao tentar dar sentido para o *nada*, envereda imediatamente pelo caminho oposto (Cf. LACAN, 2014, p. 225). E

²⁸ Itálicos do autor.

não poderia ser de outra maneira, tendo em vista que este ponto de *forclusão* inicial é fundamental, essencial e *constitutivo*. Assim sendo, entendemos que Lacan explica que este sujeito faz um caminho de razoável facilidade de compreensão. Se o *grande Outro*, o *tesouro da língua*, deu ao sujeito o significante que lhe deu forma (parcial), deduzimos que seria quase automático (a este sujeito) concluir que este mesmo *grande Outro* seria o portador do que falta para ele se completar. Assim sendo, retomamos e reforçamos então nossa compressão de que, seria aqui que entra o *interdito* que trabalhamos no **primeiro capítulo** e agora retomaremos as análises deste conceito embasados no avanço que tivemos até este ponto.

Mostramos que sujeito atravessado pela linguagem fornecida pelo *grande Outro* constitui o -1. Está inaugurado aqui o sujeito dividido pelo *splitter*. O sujeito então, neste momento, tem uma parte de si na linguagem (fatia) e outra parte é *nada*. O sujeito então se volta para este *grande Outro* no intento de encontrar o que falta para que o *nada* também seja enlaçado e deixe de ser *nada*. Esta busca, este desejo de que o *grande Outro* lhe dê o que falta para este *enlace* será então submetido ao *interdito*, jogando o sujeito na busca por esta mesma coisa, mas não mais no *grande Outro* e sim nos *outros* do mundo, com o minúsculo. O *outro*, para Lacan, pode ser qualquer objeto do mundo que não o *grande Outro*. Dito em outras palavras, o sujeito buscará a mesma completude nos *objetos sensíveis* do mundo. Neste momento então retomamos brevemente a analogia com a narrativa bíblica e sustentamos nossa conclusão de que ela mostra o momento do *interdito* não nos possibilitando analogias com momentos anteriores da constituição do sujeito, mas mantendo suficientemente claro o destino deste sujeito após o *interdito*, a saber, o abandono da tentativa de atingir o *grande Outro* (Yaweh) para iniciar então busca pelo(s) pequeno(s) outro(s), os objetos de desejo do mundo, os *objetos sensíveis* do mundo.

Fazendo também uma analogia com o complexo de Édipo: o sujeito é atravessado pela linguagem fornecida pelo *grande Outro* (mãe). Desemboca imediatamente no *splitter* e constitui o -1 primordial, o *nada*. Visando suturar este *nada*, ele recorre ao mesmo *grande Outro* (mãe) para que esse lhe dê o que lhe faltou para ser completo, este desejo manifestado nesta demanda, é então *interditado* pelo *Nome-do-Pai* que é, para Lacan, o conceito que

representa aquilo que faz a função de *interdito*. Conforme explica Lacan: “O essencial é que o sujeito, seja por que lado for, tenha adquirido a dimensão do Nome-do-Pai” (LACAN, 1999, p. 162).

Desta maneira, o sujeito está então fadado a buscar isto que lhe falta no outro, nos demais objetos do mundo, nos ditos *objetos sensíveis* do mundo. Concluímos ser neste instante que o *desejo* do sujeito é inaugurado, autorizado. A partir desse momento ele buscará no *outro* o que não pode encontrar no *grande Outro*. Ele está autorizado e apto a funcionar e buscar no mundo os objetos para sua satisfação, jogado na eterna dinâmica de *satisfação-insatisfação*, conforme pondera Almeida.

Depois de mostrarmos as analogias de Lacan com a matemática, a equação que o autor propôs e a diferenciação entre o *vazio* e o *nada*. Exploraremos, no capítulo seguinte, as considerações de Lacan sobre o seu conceito de objeto *a*, ou *objeto causa do desejo*. Pretendemos desenvolver questões pertinentes ao conceito, ao surgimento do *desejo* e à maneira como isto opera no sujeito. Também pretendemos seguir o desenvolvimento da questão de onde esteja localizado o sujeito após sua divisão.

CAPÍTULO III

O OBJETO A

Neste **terceiro capítulo** temos por objetivo analisar o conceito de objeto *a*, conceito este que também foi chamado por Lacan de *objeto causa do desejo*, *objeto perdido* ou *objeto da castração*. Entretanto, como podemos verificar, os nomes convergem para as duas características fundamentais do objeto *a*, a saber, a de se constituir no lugar de algo que o sujeito supostamente perdeu assim como a de ser a *causa de seu desejo*. Justificamos em momentos anteriores de nosso escrito que, no instante em que Lacan elabora este conceito, ele introduz na teoria psicanalítica um conceito inédito. O conceito de objeto *a* é estritamente lacaniano e não está presente nas concepções freudianas nem em quaisquer outros teóricos da psicanálise anteriores a Lacan. Igualmente justificamos também que elegemos o objeto *a* como um dos pontos principais de nossa dissertação por entendermos que, no processo de constituição do sujeito dentro das proposições de Lacan ao longo dos seminários que analisamos, seria ele (o objeto *a*) o ponto crucial, fundamental, estrutural e indispensável para o sucesso da constituição de um sujeito.

3.1 A NÃO FORMA DO OBJETO A

Nesta primeira seção analisaremos a característica *imaterializável* do objeto *a*, dito em outras palavras, mostraremos a impossibilidade própria de significação do objeto *a*. Conforme assevera Lacan: “(...) essa propriedade que lhes disse ser aquela de *a* enquanto objeto do desejo, de ser essa coisa que é ao mesmo tempo orientável e certamente muito orientada, mas que não é, se assim posso dizer, especularizável (LACAN, 2014, p. 378)²⁹.”

Verificamos na citação que Lacan atribui a característica de “*não especularizável*” ao objeto *a*. Ora, se o objeto *a* estaria situado no que, nas

²⁹ Itálicos do autor.

palavras de Lacan, seria o *nada fundamental* (Cf. LACAN, 2014, p. 351), não seria esta uma constatação evidente? Verificamos que isto é o que conclui também Juan-David Nasio: “(...) o objeto *a* (...) é uma categoria formal e não descritiva. Não significa nada que possa ser empiricamente identificado” (NASIO, 2011, p. 60)³⁰.

Ou seja, pela própria dinâmica estabelecida e mostrada por Lacan, o objeto *a* não tem e, nem poderia ter, alguma possibilidade de enlace, de contorno por parte do significante. Contudo, nesta última citação de Lacan que examinamos, verificamos que ele chama o objeto *a* de *objeto do desejo*, assim identificamos um antagonismo nas proposições lacanianas. Uma vez que é a própria falta de enlace que garante sua eficácia e a continuidade de ser o que *causa o desejo* no sujeito, como podemos identifica-lo como um *objeto do desejo*? O próprio Lacan prossegue: “É no ponto onde toda a significação falha, se abole (...), que o objeto *pequeno a*, objeto da castração, vem tomar seu lugar (LACAN, 2014, p. 424)³¹. Ora, Lacan insiste no caráter do que chamaremos de *impossibilidade* inerente ao objeto *a*. *Impossibilidade* esta que seria referente a qualquer forma de significação possível, situação, localização material ou mesmo uma *materialização* possível. O objeto *a* estaria então *para-além* de qualquer articulação linguística. Ele forma-se no ponto onde as capacidades do significante são insuficientes. Ele surge no lugar que fica em aberto em decorrência da limitação do significante, podemos concluir que, de certa forma, ele a representa.

Conforme explica Lacan:

“Ora, ele (o objeto *a*) é justamente o que resiste a qualquer assimilação à função do significante, e é por isso mesmo que simboliza o que, na esfera do significante, sempre se apresenta como perdido, como o que se perde para a “significantização”, que vem a se mostrar constitutivo do fundamento como tal do sujeito desejante” (LACAN, 2005, p. 193).

Analisando a citação de Lacan, concluímos então que o objeto *a* surge, se forma e se situa à margem. Ele estará sempre à margem do discurso, paradoxalmente, caminhando ao seu lado, contudo, sempre *impossível* de ser atingido por ele. Conforme explica Nasio: “(...) temos o *a* no lugar de (...)

³⁰ Itálicos do autor.

³¹ Itálicos do autor.

desconhecido e incognoscível, impossível de representar” (NASIO, 2011, p. 61)³².

Notamos também que Lacan novamente evoca o termo “*perdido*”, todavia, neste instante, enfatiza o *perdido* como o *que se perde para a significantização*, em outras palavras, Lacan evoca o objeto *a* como aquilo que representa aquilo que se paga para adentrar na *significantização*, ou, adentrar a cultura, o mundo falante dos sujeitos falantes. Para deixar de ser *falado* e tornar-se *falante*, o sujeito paga com alguma coisa. O que representa isso que foi pago, é o objeto *a*. Para deixar de ser um ponto enigmático e irrepresentável que orienta a equação do desejo externo e assumir uma própria posição *desejante*, o sujeito se orienta em torno do objeto *a*. É neste instante que entendemos que ele (o objeto *a*) se mostra, como diz Lacan: *constitutivo do fundamento do sujeito desejante*. Neste momento trazemos então a outra nomenclatura proposta por Lacan: objeto *causa do desejo*. Assim, concluímos, ao contrário do que Lacan mostra na citação que demonstramos no início desta seção, que o objeto *a* não é o *objeto do desejo*, haja vista que é impossível de ele ser materializado, visto que ele é o que *restou* de impossível no processo de *significantização* do sujeito, ele se torna então a *causa do desejo*.

Lacan então retoma a característica *ilusória* do desejo, com o propósito de prosseguir com a sustentação do conceito proposto. Ele afirma: “O desejo é ilusório, por que? Porque sempre se dirige a um outro lugar, a um resto” (LACAN, 2005, p. 262)³³. *Ilusoriamente* o sujeito deseja os objetos do mundo, atribuindo-lhes características *fantasísticas* e enveredando pelo caminho oposto ao do objeto *a*, ao objeto *causa do desejo*, apesar de, paradoxalmente, estar em busca deste último. E concluímos ser por isso que este objeto continua a exercer a sua função de *causar* o desejo, juntamente com o entendimento de ser igualmente por este motivo que a frustração também tem um lugar de inquestionável importância, sendo fonte de tamanho gozo ao sujeito. Frustrar-se é a única maneira que o sujeito tem de continuar desejando e demandando. Em última análise, a sua única forma de continuar funcionando

³² Itálicos do autor.

³³ Note-se que, mesmo estando diante de termos similares, não podemos comparar o *ilusório* de Lacan com a *ilusão* de Dostoiévski. Novamente Lacan se refere ao funcionamento próprio do *desejo* bem como ao seu desenrolar, enquanto Dostoiévski se referia à crença de que um dia houve um enlace absoluto.

no mundo. Se o desejo é o sujeito como singular, a possibilidade de saciedade deste desejo, por mais almejada que seja, sempre carregará consigo algo de aterrador.

Todavia, e precisamente por isso, sustentamos que é na medida em que o sujeito busca significar o *insignificável*, é na medida em que ele busca suturar o *insuturável* que ele desenrola o seu caminho pelo mundo em busca dos objetos que este mundo pode lhe proporcionar. O objeto *a* é então a parcela que resta por conta da impossibilidade da significação absoluta. Antonio Quinet explica: “ (...) o objeto *a* não é um objeto do desejo (no qual o desejo incide), que é sempre um dos objetos do mundo sensível, mas se encontra na origem deste” (QUINET, 2004, p. 60)³⁴. Notamos que Quinet mostra a distinção fundamental entre o objeto *a* os objetos *sensíveis do mundo* na mesma medida em que esclarece que o objeto *a* não é o *objeto do desejo*. Quinet coloca o objeto *a* no lugar de *origem* da busca por estes objetos *sensíveis* que são tomados de *empréstimo* pelo sujeito na tentativa de suturar derradeiramente o espaço *constitutivo* e fundamental de sua estrutura. Verificamos que o próprio Lacan explica que: “O desejo surge no momento em que se encarna numa palavra” (LACAN, 2010, p. 317). Assim, concluímos que é na tentativa de simbolizar, de significar, de dar palavra, que o sujeito pode vivenciar o desejo. Lacan prossegue: “(...) o desejo se exprime e passa pelo significante” (LACAN, 1999, p. 154). Contudo, ele nunca poderá realizá-lo por completo e é isso, repita-se, que garantirá a continuidade do seu funcionamento.

Seria este o principal paradoxo da teoria de Lacan sobre a constituição e o funcionamento do sujeito? A saber, ser a partir e juntamente com um ponto *impossível* de ser constituído que alguma constituição se faça, antiteticamente, possível? Ora, mostramos que não só este *impossível* é responsável pela constituição de um sujeito, como também que ele é responsável pela manutenção e pela continuidade de qualquer funcionamento possível deste sujeito constituído. Conforme pondera Antonio Quinet: “Se o objeto (*a*) é causa, seu efeito é o sujeito do desejo. Esse sujeito é, para a psicanálise, efeito da linguagem e causado pelo objeto *a*” (QUINET, 2004, p. 64)³⁵.

³⁴ Itálicos do autor.

³⁵ Itálicos do autor.

Esclarecemos então, através da citação de Antônio Quinet, que o sujeito *desejante* é *causado* pelo *objeto a*, ele é, em absoluto, seu efeito, sua consequência, conforme mostra Lacan: “(...) o *a* (objeto *a*) não é o objeto do desejo (...), mas a sua causa” (LACAN, 2005, p. 304). Ou seja, notamos que o próprio Lacan contradiz sua afirmativa de que o objeto *a* seria o *objeto do desejo*. E não poderia ser de outra forma, haja vista que sem a *foraclusão* inicial, que abre o espaço onde se formará o *objeto a*, não é possível visualizar um sujeito constituído na teoria de Lacan, entendemos como necessária a característica de *não significável* do objeto *a*. Note-se também que Quinet novamente evoca a equação de Lacan ao mencionar os efeitos da linguagem chamando a atenção para o sujeito como *efeito da linguagem e causado pelo objeto a*. Deduzimos então que esta colocação se apresenta como um compêndio da equação de Lacan que mostramos anteriormente. O *efeito* da inserção da linguagem seria o ponto de *foraclusão* onde, futuramente, se formará o objeto *a* que *causará* o funcionamento e a busca deste sujeito. Por este motivo também deduzimos que Lacan divide, em seu “*Seminário, Livro 9: A identificação 1961/1962*”, os momentos em que se dá o *efeito* da inserção da linguagem e a formação do que *causará* o funcionamento do sujeito. Isto de fato se dá em dois momentos.

No “*Seminário, Livro 9: A identificação (1961/1962)*”, de Lacan, encontramos uma analogia com a topologia com objetivo para situar a precisa localização do objeto *a* e explanar sobre esta busca (em uma direção oposta) por suturá-lo.

Observamos que a analogia é feita com um toro, que pode também ser comparado a uma câmara de pneu. Um grande tubo redondo e circular que o sujeito não tem contato com o lado externo. Supondo que o sujeito seja essa câmara de pneu, Lacan situa o ponto de *foraclusão*, o efeito do *-1*, o local onde se forma o objeto *a*, como o centro desta câmara, o buraco no meio dela, o buraco *vazio*, sem *nada*, em torno do qual a própria câmara existe. No interior do tubo, está o sujeito em seu funcionamento e na parte interna do círculo que o tubo forma, está o objeto *a* sempre inatingível. Assim, o sujeito fica *circulando* no mundo em busca da sutura daquilo que ele mesmo deixou para trás, sem notar a impossibilidade de realização dessa sutura (Cf. LACAN, 2014, p. 349-

351). Conforme explica Lacan já em seu “*Seminário, Livro 10: A angústia (1962/1963)*”: “Todo posicionamento posterior do sujeito repousa na necessidade de uma reconquista desse não-sabido original” (LACAN, 2005, p. 75). Assim como o buraco central da câmara de pneu é onde se situará a roda que a fará girar, esse buraco original do sujeito será o grande motor do seu funcionamento. O *não sabido* que o sujeito buscará saber o manterá em movimento e é se mantendo *não sabido* que ele pode continuar a exercer sua função de motor. Evocamos neste instante a importância da frustração na busca e como compreendemos que essa frustração, paradoxalmente, traz consigo uma considerável parcela de gozo.

A total sutura do objeto *a* ocasionaria no sujeito a total destituição da capacidade e do direito primordiais de tornar-se sujeito. É neste ponto que reside a importância da frustração e a concepção de que ela esteja, antiteticamente, sempre carregada de gozo. Frustrar-se, nesta perspectiva, é para o sujeito uma forma de preservação, de proteção, de libertação. É por conta da impossibilidade do significante advindo do *grande Outro* enlaçar totalmente o sujeito, é em detrimento desta frustração primeira que o sujeito envereda pelo caminho da vida, do *desejo* e de sua singularidade como sujeito. Entendemos que ser reduzido ao significante do *grande Outro* implicaria o sujeito em uma total impossibilidade de asserção como sujeito singular.

Neste momento chegamos ao fim desta seção onde mostramos a característica fundamental do objeto *a*, a saber, a de ser inapreensível. Entretanto, verificamos que ficou em aberto a questão de objeto *a* começar a impulsionar o sujeito no mundo apenas em um segundo momento. Ou seja, ele não faz sua função apenas após o *-1* ser instaurado.

O que outrora era o *-1*, o *insignificável*, Lacan trabalha como sendo o local onde se formará o objeto *a*, todavia, cabe-nos explicar que não será automaticamente que o *-1* primordial se transformará no objeto *a* que impulsionará o sujeito no mundo. Existe um trajeto percorrido até que o *-1* enfim transforme-se naquilo que impulsionará o sujeito no mundo. Ao atribuir ao objeto *a* também a nomenclatura de objeto *perdido*, Lacan condensa todo processo de desenvolvimento do objeto *a* que estabeleceu anteriormente e julgamos imperioso salientar esta questão para sustentar nossa leitura. Com

isso, perguntamos: como se dá e o que é este segundo momento, esta transposição? É o que mostraremos a seguir.

3.2 O OBJETO A NO GRANDE OUTRO

Verificamos que Antonio Quinet esclarece uma questão importante ao explicar: “(...) diante da realidade da castração do Outro, o sujeito se divide entre significante e *objeto a*” (QUINET, 2004, p. 61)³⁶. Examinando a citação de Quinet, podemos constatar que, o objeto *a* se forma onde anteriormente era o *nada fundamental*, contudo, para se formar, ele precisa necessariamente ser submetido ao *interdito*? Ou, para utilizarmos os termos de Quinet, ele precisa se deparar com a *realidade da castração do Outro*? Com efeito, para que se inaugure o *desejo*, para que o objeto *a* comece a operar no *mudo*, é necessária a função do *interdito*. Mas, se o objeto *a* é o que há de mais singular no sujeito, por que é necessária essa função de *interdito* por parte do *grande Outro*?

Ora, em seu “*Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953/1954)*” Lacan já explicava que: “O ser humano não vê sua forma realizada, total, a miragem de si mesmo, a não ser fora de si” (LACAN, 1983, p. 164); bem como, neste mesmo seminário já pondera: “O *eu* nasce em referência ao *tu*” (LACAN, 1983, p. 193)³⁷. Ou seja, Lacan já mostra que, de certa maneira, existe um movimento de deslocamento inicial do sujeito de uma parte de si mesmo para fora de si e, sobretudo na segunda citação, pondera a existência e a influência de um outro, de um *tu*, nesta dinâmica

Contudo, para podermos desenvolver melhor esta questão, traremos as últimas considerações do “*Seminário, Livro 9: A identificação (1961/1962)*” de Lacan, nas quais ele ressalta que o sujeito supõe que o objeto *a* esteja no *grande Outro*. Relembramos a explicação de Lacan de que: ao buscar sua completude logo após a inserção da linguagem, ao buscar o preenchimento do buraco, da *hiância*, o sujeito volta-se para o lado oposto ao que realmente conteria o objeto de sua busca. Em outras palavras, para obturar o seu *nada fundamental*, o sujeito volta-se para o *grande Outro*. É por supor que o *tesouro*

³⁶ Itálicos do autor.

³⁷ Itálicos do autor.

dos significantes, que o *tesouro da língua* que lhe deu o significante primeiro, tenha também o que faltou a este primeiro significante para que ele lhe desse a sua completude absoluta, que o sujeito volta-se novamente para o *grande Outro* em busca do que lhe falta. Deduzimos ser a isso que Lacan se refere quando diz que o sujeito envereda pelo caminho oposto no momento que busca sua completude. Lacan assevera: “(...) o objeto da castração é esse termo bastante ambíguo para que, no próprio momento em que o sujeito dedicou-se a recalá-lo, ele o instaure mais firme do que nunca, num Outro” (LACAN, 2014, p. 434).

Verificamos que Lacan novamente condensa duas questões importantes em uma única citação, a saber, a questão do *recalque* de todo o processo de constituição e a questão de que o objeto *a* passa então a estar no *grande Outro*³⁸. O sujeito busca, a princípio, no *grande Outro*, este seu objeto *a* para sempre *perdido*. Em outras palavras, o sujeito, em um primeiro momento, busca aquilo de que lhe está excluído, no *grande Outro*, paradoxalmente, sem saber que aquilo que está excluído, em suma, é ele mesmo.

Na transição de seu *Seminário Livro 9: A identificação (1961/1962)* para o seu *Seminário, Livro 10: A angústia (1962/1963)* notamos que Lacan prossegue suas análises e formulações sobre o objeto *a* e que ele insiste na paradoxal questão de que o que há de mais singular no sujeito será imediatamente colocado pelo próprio sujeito como constando, como *firmado* (para usarmos os termos de Lacan), no *grande Outro*. Ou seja, o sujeito constitui-se na linguagem que vem do *grande Outro* e, posteriormente, firma o objeto *a*, o ponto de singularidade seu, neste mesmo *grande Outro*.

Ora, é neste instante então que o sujeito desemboca no *interdito*. Na medida em que o *grande Outro* exerce a função do *interdito* e frustra a busca do sujeito pelo objeto *a*, ele o obriga então a *deslocar* seu foco de busca para o *outro*, para os *objetos sensíveis* do mundo³⁹. Todavia, temos aqui outra

³⁸ *Recalque*: termo utilizado por Freud e que Lacan também se serve para dar nome ao mecanismo presente na neurose. O *recalque* barra do consciente todos os conteúdos referentes ao complexo de Édipo e aos momentos fundamentais da constituição do sujeito.

³⁹ Optamos pelo termo *deslocar* haja vista a forma como compreendemos até então o ensino de Lacan. Para o sujeito, o objeto *a* está no *grande Outro*, contudo, este mesmo *grande Outro* já *interditado* não poderá ser alvo da busca do sujeito. Sendo assim, ele *deslocará* o foco de sua busca para o(s) *outro(s)*, para dos demais objetos do mundo.

questão bastante paradoxal: o sujeito busca algo de si mesmo que está *fora* em objetos (*outro*). Este movimento não é mais do que um deslocamento de um intento inicial verdadeiro (*grande Outro*) e que, mesmo este objeto inicial verdadeiro, não seria capaz de dar o que colocaria fim a estes intentos.

Podemos agora lançar algumas conclusões: o fracasso inerente à busca que já mostramos se faz ainda mais claro após estes apontamentos específicos trazidos neste instante. Sobre isto Lacan afirma:

No entanto, quanto mais o homem se aproxima, cerca e afaga o que acredita ser o objeto de seu desejo, mais é, na verdade, afastado, desviado dele. Tudo o que ele faz nesse caminho para se aproximar disso dá sempre mais corpo ao que, no objeto desse desejo, representa a imagem especular (LACAN, 2005, p. 51).

Lacan utiliza o termo *especular*, e deduzimos ser, em última análise, disso que se trata o busca do sujeito no mundo. A busca do sujeito é sempre *especular*. Ele busca no mundo esta parcela dele mesmo que ele mesmo *fora* outrora e, por isso, paradoxalmente, está fadado ao eterno fracasso. Lacan esclarece que quanto mais o sujeito acredita estar próximo de um dito objeto derradeiro, mais ele está *distante*, e só poderia ser assim, haja vista que este objeto não está no mundo. Em última análise, ele não existe. Verificamos que Lacan insiste nesta questão ao asseverar logo na sequência da citação anterior: “Quanto mais (o sujeito) envereda por esse caminho que muitas vezes é impropriamente chamado de via da perfeição da relação de objeto, mais ele é enganado” (LACAN, 2005, p. 51). Notamos o acento importante que Lacan dá a este *engano* do sujeito em sua busca.

Entretanto, para que esta *sucessão de enganos* da qual podemos chamar o movimento do sujeito se dê, é necessário que ele, de certa forma, se separe, se descole do *grande Outro*. Repita-se que sem este deslocamento que é proporcionado pela função do *interdito*, a formulação do objeto *a* não ocorre, não sendo possível que o sujeito abandone a posição de *substância*. Lacan atribui ao objeto *a* o status de ser a prova da *alteridade do grande Outro* quando afirma: “Há, no sentido da divisão, um resto, um resíduo. Esse resto, esse Outro derradeiro, esse irracional, essa prova e garantia única, afinal, da alteridade do Outro, é o *a*” (LACAN, 2005, p. 36). Ao atribuir ao objeto *a*, o

status de *garantia única* (para usarmos os termos do autor) da distinção (ou alteridade) do *grande Outro*, afirmando, pois, que o objeto *a* é a prova da singularidade do sujeito *para além* do *grande Outro* que o fornecera o significante primeiro outrora e concluímos que, para que o objeto *a* se forme e exerça a sua função de *causa* ele precisa ser desafixado do *grande Outro* através da própria função de *interdito* exercida pelo *grande Outro*. Ou melhor, não podemos dizer que ele é totalmente desafixado, mas o sujeito precisa fazer este *deslocamento* de sua busca. Ele só se movimentará no mundo se abandonar os intentos de buscar o objeto *a* no *grande Outro*. Conforme explica Žižek: “A separação ocorre quando o sujeito percebe que o grande Outro é inconsistente em si, puramente virtual, “barrado”, desprovido da Coisa” (ŽIŽEK, 2009, p. 155). Notamos que Žižek utiliza o termo *Coisa*, ou seja, o objeto derradeiro que enlaçaria o sujeito. O autor opta pelo termo *inconsistente* para se referir a este *grande Outro* que, uma vez *inconsistente*, não tem outra saída se não operar o *interdito*, na medida mesma em que ele é *barrado* e não possui o objeto capaz de fazer a sutura derradeira. Desta forma, conforme destaca Žižek, ocorre a *separação*.

Contudo, resta uma questão: após ser *desafixado* do *grande Outro*, como opera o objeto *a* no mundo? Ou melhor, como ele opera no sujeito que buscará este objeto no mundo? É o que pretendemos desenvolver a seguir.

3.3 O OBJETO A IMPOSSÍVEL E ATEMPORAL

Nesta seção desenvolveremos a questão com a qual finalizamos a anterior mostrando determinadas características do objeto *a* que julgamos fundamentais para explicar o seu funcionamento no sujeito e o funcionamento do sujeito através dele.

Iniciaremos este desenvolvimento mostrando a forma como o objeto *a* exerce a sua função de *causa* no sujeito. Explicando de outra maneira, mostraremos como se dá este efeito de *causa*, como, de fato, opera o *objeto a* ou, como ele *causa*, além, evidentemente, de como opera o sujeito sob estes efeitos.

Antônio Quinet assevera que, apesar de o objeto *a* encontrar-se totalmente fora de qualquer possibilidade de significação, o sujeito, antiteticamente, o *experimenta* e é esta experimentação do objeto *a* que julgamos imperioso desenvolver. Pondera Quinet:

O objeto *a* não (...) corresponde a uma sensação em geral. Não é um objeto que possa ser apreendido nem pela sensibilidade nem pela intuição. Tampouco é um (...) objeto da experiência da física, que nossos sentidos, enquadrados pela razão permitam apreender. Mas o sujeito, definido como sujeito de desejo, experimenta o objeto *a*, pois este é causa do desejo (QUINET, 2004, p. 59)⁴⁰.

Verificamos que Quinet prossegue asseverando a qualidade de inapreensível do objeto *a*. Vimos também que o autor enfatiza o sujeito definido como o *sujeito do desejo*. Ademais, Quinet segue mostrando o objeto *a* como a *causa*, como *causa* deste *desejo* e também do movimento. Todavia, não seria paradoxal este *experimentar do objeto a* mencionado pelo autor?

Ora, soa bastante antitético o autor asseverar uma impossibilidade de significar o objeto *a* e, ao mesmo tempo, o autor defender que o sujeito o *experimenta* no momento em que ele (o *objeto a*) *causa* o seu desejo (do sujeito). Todavia, podemos entender que Quinet refere-se a uma constatação bastante óbvia, a saber, o momento em que sujeito mais se *aproxima* deste objeto, só pode ser o momento em que ele faz sua função de *causa*. Explicamos que, na medida mesma em que um *objeto sensível* do mundo é eleito pelo sujeito, este sujeito está enveredando pelo caminho oposto da *causa* de seu funcionamento, dizendo de outro modo, de sua parcela *insignificada*. Neste instante ele se *afasta* de seu *insignificável constitutivo*. Contudo, ele (o sujeito) retornará a este *insignificável* no preciso momento em que experimentar as contínuas frustrações que acompanham o seu movimento.

Concluimos ser neste retorno, no momento da *queda* dos *objetos sensíveis* que o sujeito volte a experimentar o objeto *a*. Note-se, porém, que o sujeito não o experimenta da maneira como experimenta os *objetos sensíveis*, ele o experimenta apenas nesta função de *causa*, de motor e de impulso e só assim pode experimentá-lo. Não há outra possibilidade de experimentação do objeto *a*. No momento em que experimenta o *efeito* deste objeto, o sujeito já

⁴⁰ Itálicos do autor.

está distante dele, contudo, fadado a retornar à *causa*, repetindo sempre o mesmo ciclo de *satisfação-insatisfação* mostrado por Almeida. Consideramos ser na *frustração* ou na *insatisfação* que o sujeito, paradoxalmente, experimenta o que realmente diz da sua constituição e do seu funcionamento. Entendemos que o que Antonio Quinet assevera é que, ao se encontrar com a *causa*, com o *impulso* primeiro, o sujeito *experimenta* o objeto *a*. O aproximar-se desta *causa*, deste *impulso*, deste *motor*, evidentemente anterior ao movimento, seria o *experimental* do objeto *a*. A partir disto, o sujeito já caiu no jogo de *fantasias* do mundo dos *objetos sensíveis*.

Juan-David Nasio mostra esta imperfeição da relação do sujeito com os *objetos sensíveis*, além de uma adaptação feita pelo sujeito para que esta relação seja possível, quando explica: “Todas as figuras que o objeto adotar nesse mergulho serão inevitavelmente representações imperfeitas, distorções, confecções com as quais a entidade abstrata a se veste” (NASIO, 2011, p. 68); Nasio mostra esta função interminável de busca e causa orientada pelo objeto *a*. Deduzimos que é por não existir possibilidade de representação perfeita e por necessitar sempre de uma distorção e de uma confecção, que esta relação do sujeito com os *objetos sensíveis* está, em última análise, fadada ao fracasso e, conseqüentemente, a um eterno recomeço.

Sua manutenção e sua continuidade dependem necessariamente disso. Retomando os *véus* que mencionamos em nosso **primeiro capítulo** e nos servindo da citação de Nasio, deduzimos que os *véus* entrarão no momento desta *distorção*, são eles que possibilitarão que ela ocorra, para aí sim, o sujeito poder relacionar-se com os *objetos sensíveis*. A *entidade abstrata a*, para servirmo-nos novamente dos termos de Nasio, veste-se com estes *véus* tecidos com as malhas da *fantasia* do próprio sujeito e, toma de *empréstimo* os *objetos sensíveis* do mundo como seu suporte. Note-se, porém, que, tanto o *objeto sensível* eleito para a função de suporte quanto a *fantasia* confeccionada para que a *distorção* seja possível, são temporais e limitadas. Esta situação está fadada a durar apenas uma parcela limitada de tempo. Exatamente por serem adaptações e proporcionarem uma satisfação sempre parcial, estão fadadas a deixar de fazer sentido para dar lugar às próximas construções do sujeito e aos próximos objetos do mundo.

Ademais, chamamos a atenção para o termo eleito pelo autor para referir-se ao *objeto a*, a saber, *entidade abstrata a*, entendemos que Nasio escolhe este termo na tentativa de dar a este conceito seu lugar de inapreensível juntamente com sua qualidade de ser responsável por tudo o que é apreensível. Ora, em última análise, podemos concluir que a qualidade de *abstrato* coloca o objeto além da possibilidade de concretude, e ao mesmo tempo, passível de uma *generalização*? Com efeito, o objeto *a* pode ser *incontreto* e ao mesmo tempo estar relacionado com tudo o que é concreto, sendo, de certa maneira, a essência da existência destes objetos concretos para o sujeito. Deduzimos que a expressão criada por Nasio serve como um compêndio de diversas questões propostas por Lacan ao explicar o objeto *a*. Ele é o motivo, a *causa*, o *motor* e a essência da relação do sujeito com todo e qualquer objeto e ao mesmo tempo, está fora da dinâmica, está *abstrato*, de certa maneira, alheio à captação, à margem. Repita-se, é por manter-se sempre no inatingível *abstrato* que ele permanece existindo, *coexistindo* no sujeito.

Verificamos também que Nasio dá enfoque às características do objeto *a* analisando a questão do prosseguimento de sua existência, de sua mencionada *coexistência*, quanto explica: “O objeto *a* é não só o resíduo que cai da vida que passa, mas também o auxiliar vital e inevitável de toda a vida presente” (NASIO, 2011, p. 63). Nasio novamente trabalha diversas concepções de Lacan em uma breve citação. Notamos que o autor começa mostrando que o objeto *a* é o que *cai da vida passada* e relacionamos isto com a equação e a instituição do ponto de *foraclusão* que já desenvolvemos. Em outras palavras, nos parece que Nasio compila a instituição do ponto de *foraclusão* e a formação do objeto *a* em um único momento e deduzimos que ele o faz por, em última análise, este segundo se dar em decorrência do primeiro. O autor prossegue explicando que este *resíduo* se constituirá como *auxiliar vital e inevitável* de toda a vida presente do sujeito. Entendemos o termo *auxiliar vital* escolhido pelo autor exatamente como se referindo à função indispensável do objeto *a* para a vida do sujeito, indispensável e, apesar de *foraclusão*, paradoxalmente, impossível de ser *extirpado*. Retomamos que é em decorrência dele que o *desejo* e a vida do sujeito se desenrolam e é por conta

de sua localização absolutamente *abstrata* que este desenrolar pode continuar acontecendo. Antiteticamente, para poder prosseguir com sua função, o objeto *a* precisa ser *abstrato* e inatingível. Conforme analisa Antonio Quinet: “O objeto *a* por não ser assimilável pelo significante, conserva esse caráter inalisável, alógico (QUINET, 2002, p. 66)⁴¹. Ora, novamente nos deparamos com a questão de que este resto, este *resíduo* inapreensível pelo significante, para nos servirmos do termo de Nasio, isto que não se presta às atribuições lógicas, ser o exato responsável pela vida, pelo movimento e pela busca de um sujeito.

Ademais, nos deparamos com outra característica fundamental do *objeto a*, a saber, a de ser também *atemporal*. Ora, mostramos que o objeto *a* é impossível de ser significado e enlaçado em qualquer determinado momento, contudo, intentamos mostrar que além de *insignificável*, o objeto *a* permanece *atemporalmente* fazendo seus efeitos estruturantes e de *causa* do funcionamento deste sujeito. Ou melhor, pretendemos mostrar que o objeto *a* não se presta à qualquer localização cronológica. Em detrimento de sua qualidade de estar *para além* do alcance do significante, o objeto *a* não pode também ser situado no tempo. Uma vez não possível de ser materializado, simbolizado, ele também não pode ser situado não só em lugar algum como também não pode ser situado em tempo algum. Sobre isto, Antônio Quinet também pondera: “O objeto *a* não está nem no espaço, nem no tempo” (QUINET, 2004, p. 60)⁴².

Deduzimos que é também em virtude disso que Quinet expõe que ele (o objeto *a*) pode subsistir e cumprir sua função. Se houvesse qualquer possibilidade de *enlace*, espacial ou cronológico, neste instante, já não haveria mais como este objeto se manter. Repita-se que a qualidade que o representa, que o mantém e o que possibilita que ele continue exercendo sua função é a sua característica de *impossível*. Ora, se ele se forma no espaço aberto pelo que é *impossível* ao significante, retomamos que não poderia ser de outra forma. É nesta medida que ele se constitui como aquele objeto que irá nortear, manter e sustentar a busca do sujeito.

Antônio Quinet explica uma característica fundamental ao mencionar que o objeto *a* também não pode ser situado no tempo. É por não poder, de

⁴¹ Itálicos do autor.

⁴² Itálicos do autor.

maneira alguma, ser situado em qualquer momento temporal que ele possa prosseguir sua existência *atemporalmente* até os derradeiros momentos do sujeito. Em outras palavras, os efeitos do objeto *a* são contínuos através do tempo e mantêm-se por ele não poder ser localizado em determinado recorte do tempo. Conforme explica Žižek:

O excedente que escapole, que se revela como “impossível” nesse encontro faltoso do “momento oportuno”, é, sem dúvida, o *objeto a*: o puro semblante que nos impulsiona para a verdade, até o momento em que, de repente, aparece atrás de nós, o momento em que o deixamos para trás, um ser quimérico que não tem seu “tempo devido” e apenas persiste entre o “cedo demais” e o “tarde demais” (ŽIŽEK, 2017, p. 42).

Examinando a citação acima, verificamos que o autor entende que o objeto *a* não tem o seu *tempo devido*, *persistindo entre o cedo demais* e o *tarde demais*. Esta é a conclusão que chegamos ao analisar a característica de *atemporalidade* do objeto *a*. Ele está sempre no passado ou no futuro, contudo, nunca no presente, nunca ao alcance das mãos, sempre em algum lugar inatingível. Ou melhor, sempre em um lugar *para além*.

Além disso, verificamos o termo “*ser quimérico*” escolhido por Žižek para dar algum nome ao objeto *a*. Será que podemos comparar o termo escolhido por Žižek com o termo escolhido por Nasio? A saber, *entidade abstrata a*? Com efeito, deduzimos que os autores estão tentando encontrar alguma forma possível de se referir àquilo que, em última análise, não tem referência alguma e os termos que escolhem apontam para isso. Ambos os termos, na medida mesma em que tentam dar alguma referência, denunciam a falta de referência.

Relembramos então que é esta característica de permanecer impossível de ser referenciado ou temporalizado que faz com que o sujeito continue buscando isto que, em suma, está entre um significante e outro, entre o *cedo demais* e o *tarde demais*, sempre *escapulindo* do sujeito, conforme mostra Žižek. E é por isso que ele é eficaz, toda a funcionalidade, estruturação e justificativa do conceito se embasam nestas características.

Ora, desta maneira, forma-se outra questão: onde então está o sujeito? Do lado significado, simbolizado, ou do lado não significado fadado à eterna não significação? É o que desenvolveremos na próxima seção.

3.4 O SUJEITO COMO CORTE DO OBJETO A OU O OBJETO A COMO CORTE DO SUJEITO

Iniciaremos o desenvolvimento da questão que fizemos no final da seção anterior retomando que a própria nomenclatura “*objeto perdido*” proposta por Lacan traz consigo um paradoxo. Ora, entre o “*Seminário, Livro 9: A identificação (1961/1962)*”, e o “*Seminário, Livro 10: A angústia (1962/1963)*”, Lacan oscila no momento de colocar o objeto *a* como *corte do sujeito* ou o sujeito como *corte do objeto a*. Relembremos que, ao começar a desenvolver o conceito, Lacan trabalha o objeto *a* como sendo um *corte do sujeito*, algo que se desenvolverá a partir de alguma coisa que o próprio sujeito deixou para trás. Já ao final do “*Seminário, Livro 9: A identificação (1961/1962)*”, Lacan coloca o sujeito como sendo *corte do objeto a*, ou seja, em outras palavras, o objeto *a* torna-se o ponto principal, e o sujeito como tal é o *corte* é o que *sobra*. Conforme afirma o próprio Lacan: “a forma de *S barrado* (...), agora, como *corte do pequeno a* (LACAN, 2014, p. 417)⁴³. Desta forma, concluímos que, neste instante, Lacan eleva a importância do objeto *a* em sua teoria sobre a constituição e funcionamento do sujeito. Para ele, agora o objeto *a* aparece como parte principal do sujeito que é submetida a um *corte*, isto que é *cortado*, este *resto* seria o sujeito constituído na linguagem. Lacan prossegue enfatizando: “(...) é na medida em que o sujeito é, antes e unicamente, essencialmente *corte* desse objeto, que alguma coisa pode nascer” (LACAN, 2014, p. 427). Ora, além de repetir que o sujeito é *corte desse objeto* (o objeto *a*), Lacan ainda prossegue dizendo que é só através desta condição que *alguma coisa pode nascer*.

Entretanto, já no “*Seminário, Livro 10: A angústia (1962/1963)*”, Lacan retoma a formulação anterior de que o objeto *a* seria, pois, um *corte do sujeito*. Ao explicar que o objeto *a* é o que *resta do advento do sujeito no lugar do grande Outro* (LACAN, 2005, p. 179); Lacan retoma o estabelecido anteriormente, que o sujeito, ao abraçar o significante vindo de fora, do *grande Outro*, deixa para trás o que se tornará o objeto *a*. Desta maneira, Lacan

⁴³ *S barrado*: pode ser lido também como *sujeito barrado*. Lacan introduz este termo para referir-se ao sujeito já atravessado pelo significante. Itálicos do autor.

recoloca o objeto *a* no lugar de *resto*. Fica-nos nítido que Lacan vacila entre estes dois entendimentos.

Buscaremos desenvolver esta questão chamando atenção para o que Juan-David Nasio, ao atribuir ao objeto *a* a definição de: *resíduo que cai da vida que passa* (Cf. NASIO, 2011, p. 63), parece concordar com o primeiro entendimento que Lacan retoma em um segundo momento, ou seja, seria o objeto *a* um *corte do sujeito*, isso que *cai*, que, de certa maneira, lhe é cortado.

Nesta perspectiva, algo é cortado do sujeito e colocado imediatamente neste plano *abstrato*, direcionado neste mesmo instante para uma *coexistência* marginal. Deduzimos que, desta maneira, podemos observar então esta parcela do sujeito como algo que lhe foi, em um momento anterior, retirada. Estaria então o sujeito situado no plano significado, *enlaçado* e passível de ser entendido como privado de uma parte dele mesmo.

Entretanto, Jean-Jacques Tyszler, teria, pois, uma visão oposta à de Nasio ao ponderar: “(...) falamos do fantasma, se diz, ou é o sujeito barrado do *pequeno a*, ou o sujeito corte do *pequeno a*” (TYSZLER, 2014, p. 17)⁴⁴. Deduzimos então que Tyszler adota uma perspectiva diferente da de Nasio, apontando então para o segundo entendimento de Lacan, de que o sujeito seria *corte do objeto a*, trazendo então a concepção de ser o objeto *a* a parte principal do sujeito. Desta forma, no ponto de *forclusão* fica o singular, o essencial do sujeito, o sujeito consciente *falante* seria, pois, um *corte* desta singularidade. Dizendo com outras palavras, seria então, para Tyszler, este sujeito *falante*, *enlaçado* na linguagem, exatamente um *corte* de uma construção maior e que seria a parte principal. Com efeito, seguindo este entendimento, o sujeito que fala seria apenas uma parcela que se desprende desta construção primeira e ganha lugar no mundo do discurso, permanecendo, pois, orientado, governado e impulsionado por sua maior parte.

Analisando a concepção de Žižek, verificamos que o autor pondera: “(...) o sujeito como barrado deve ser posto como *correlato* ao resto inerte que forma o obstáculo à sua plena realização simbólica” (ŽIŽEK, 2017, p. 60). Ou seja,

⁴⁴ *Fantasma: fantasia*. O termo original que Lacan utiliza é *fantasme*, que traduzido literalmente, seria *fantasma*, conforme nos mostra esta edição do livro de Tyszler. Contudo, os diversos tradutores da obra de Lacan e de outros psicanalistas franceses têm se dividido entre o termo *fantasma* e *fantasia*. Optamos por manter os termos conforme estão nas traduções que utilizamos. Itálicos do autor.

desta forma, Žižek parece colocar o *sujeito barrado*, ou o sujeito falante, como similar ao *resto inerte que forma obstáculo à sua plena realização simbólica*, ou seja, ao objeto *a*. Desta forma, Žižek opta por não buscar o sujeito em nenhum dos lados e sim explicar que ambos os lados são *correlatos*, similares, como se o sujeito então fosse representado, em última análise, por uma divisão entre o que é significado e o que é *insignificável*.

Examinando o entendimento de Antonio Quinet, verificamos que, ao que parece, ele concorda com a ponderação de Žižek ao explicar que *o sujeito se divide entre significante e objeto a* (Cf. QUINET, 2004, p. 61). Desta forma concluímos que Quinet também entende o sujeito como sendo dividido, não sendo possível para ele mensurar os lados tampouco apontar em que lado esteja o sujeito. O sujeito constituído é então, paradoxalmente, uma divisão, uma cisão.

Žižek prossegue explicando:

O sujeito é uma entidade paradoxal que, por assim dizer, é seu próprio negativo, ou seja, que persiste apenas na medida em que sua plena realização é bloqueada – o sujeito plenamente realizado não seria mais sujeito, mas substância. Nesse sentido preciso, o sujeito está além da subjetivação ou antes dela: a subjetivação designa o movimento pelo qual o sujeito integra o universo do significante que lhe é dado – em última instância, essa integração sempre fracassa, há algo que fica para trás e que não pode ser integrado na ordem simbólica, um objeto que resiste à subjetivação, e o sujeito é precisamente correlato a esse objeto. Em outras palavras, o sujeito é correlato de seu próprio limite, do elemento que não pode ser subjetivado, e o nome do vazio que não pode ser preenchido com a subjetivação: o sujeito é o ponto do fracasso da subjetivação (ŽIŽEK, 2017, p. 268-269)

Examinando a citação, concluímos então que a resolução da questão que colocamos nesta seção não seja tentar situar o sujeito de um lado ou de outro de sua condição estrutural e sim entender o sujeito como *estruturalmente dividido*. Ou seja, *o sujeito é uma divisão*. Žižek esclarece que *o sujeito é correlato ao objeto que resiste à subjetivação ou correlato de seu próprio limite, do elemento que não pode ser subjetivado*. Verificamos que, após este percurso que Lacan percorre, ele abandona a tentativa de situar o sujeito em algum desses dois lugares. Desta forma, entendemos que não poderia ser de outra maneira, haja vista que a conclusão última pode ser a de que o que

realmente diz do sujeito seja a *divisão*. Assim não haveria motivo para Lacan tenta situar este sujeito em algum dos dois lados.

Com este entendimento, terminamos esta **dissertação**. A análise da obra lacaniana sobre o processo de constituição do sujeito nos direcionou ao ponto em que concluímos que o sujeito lacaniano, propriamente constituído, é, na verdade, um ser dividido. Este sujeito é o que Žižek chamou de *entidade paradoxal* fadado a uma *integração que sempre fracassa*. Contudo, antiteticamente, ele só funciona na medida mesma em que tenta esta *integração* que certamente *fracassará*.

Direcionarmo-nos então para a conclusão onde traçaremos um caminho desde a **introdução**, onde apresentamos o sujeito de Descartes, até o final do **terceiro capítulo** onde apresentamos um sujeito de Lacan estruturalmente dividido em sua essência e condenado a uma *integração impossível*.

CONCLUSÃO

Nesta **conclusão** retomaremos o sujeito proposto por Descartes que apresentamos na **introdução** colocando-o em contrapartida ao sujeito proposto por Lacan que apresentamos ao longo desta **dissertação**, sobretudo no **segundo** e no **terceiro capítulo**.

Ora, conforme mostramos, Descartes apresenta um sujeito cuja *essência ou natureza reside unicamente em pensar*. Com efeito, podemos concluir que Descartes visualiza o sujeito totalmente inserido no universo do discurso, atravessado pelo significante, ou melhor, amalgamado a este significante e situado onde a psicanálise entende que esteja o *consciente*. Entretanto, propusemos a primeira contrapartida a este sujeito de Descartes quando ao mencionarmos que a psicanálise trabalha com o conceito de *inconsciente*. Para a psicanálise, o sujeito não só é atravessado por uma instância *inconsciente*, à qual ele não tem acesso, mas esta instância *inconsciente* representa, na verdade, sua maior parcela.

Esclarecemos na **introdução** que na medida mesma em que Lacan propõe o contrário da afirmação de Descartes, dizendo *penso onde não sou e sou onde não penso*, na verdade ele está se referindo ao não pensar de *maneira ativa*. Evidentemente podemos concluir que existem sim pensamentos no *inconsciente psicanalítico*, entretanto, estes pensamentos encontram-se, de certa maneira, à revelia do sujeito, fora de seu controle.

Contudo, examinando a teoria de Lacan, verificamos que o autor propõe uma divisão que vai *além* da divisão entre *consciente* e *inconsciente*. Ora, se existem pensamentos no *inconsciente*, evidentemente que este conteúdo está, de certa maneira, submetido à linguagem. Dito de outro modo, mesmo *inconscientes*, os conteúdos que o são estão, em última análise, submetidos à dinâmica do significante. Desta forma, Lacan propõe uma divisão que vai *além* na medida em que propõe que, em última análise, a divisão se dá entre o que está nesta dinâmica do significante e o que não está. Sendo assim, podemos entender que o próprio *inconsciente* está do lado atravessado pela linguagem? Com efeito, para que o próprio *inconsciente* exista é necessária a função da

linguagem, é necessária a interferência do significante. O *recalque* só se dá na medida em que se tem linguagem.

Por este motivo, repita-se que sustentamos que a *divisão* sugerida por Lacan vai além da divisão entre *consciente* e *inconsciente*. Lacan apresenta um sujeito *estruturalmente dividido em sua essência*. Provido, em última análise, de uma parcela impossível de ser significada, mas que paradoxalmente, é *constitutiva*. Esta parcela é representada pelo conceito lacaniano de objeto *a*.

Instigante nos foi notar que não podemos situar este sujeito lacaniano em nenhum dos lados desta divisão. Em suma, este sujeito não está nem do lado significado nem do lado não significado. Com efeito, este sujeito está em ambos os lados e, ao mesmo tempo, em algum lugar entre estas duas parcelas tentando insistentemente proporcionar uma *integração* entre elas. Um lado é *correlato* ao outro, no entanto, mesmo assim esta *integração* que o sujeito almeja está fadada ao mais absoluto fracasso. Paradoxalmente, é na tentativa de alcançar a absoluta *integração* que o sujeito funciona e transita no mundo.

Deduzimos que Descartes sugere um sujeito que pode ser comparado a apenas uma parte do sujeito lacaniano, a saber, a parte significada. Na verdade, o sujeito de Descartes talvez não se compare nem a esta parte, tendo em vista que, conforme mostramos, é na parte significada do sujeito que também se encontra o *inconsciente* não admitido por Descartes.

Concluimos assim que se o sujeito de Descartes não admite ponto de divisão, não podemos compará-lo de modo algum ao sujeito lacaniano. O sujeito proposto por Lacan não só é dividido, como funciona unicamente em detrimento e impulsionado por esta divisão *constitutiva*. A tentativa de *integração* é esta tentativa incessante de dar palavra, de dar significante ao que não tem. É nesta constante tentativa que o sujeito se movimenta e experimenta seu *desejo*. O curioso é que este funcionamento se dá desde o primeiro momento em que é atravessado pelo primeiro significante.

Ao propor o conceito de *splitter*, Lacan já mostra essencialmente uma divisão fundamental que ocorre logo após a adição do sujeito com seu próprio nome, com o *significante que o determina*. E após percorrermos um longo caminho tentando definir em que lado do *splitter* podemos encontrar o sujeito,

acabamos por retornar à questão essencial de uma *divisão*. Em última análise, o sujeito, após *divido*, não pode mais ser encontrado em nem um dos lados de si mesmo, ele torna-se, imediatamente, uma *entidade paradoxal* fadada a uma tentativa incessante e infrutífera de integração. Sustentamos que ele *nunca* abandona esta condição.

É ao notar-se dividido que sujeito volta-se, em um primeiro momento, ao *grande Outro* já no intento de buscar sua absoluta *integração* e, após ser submetido ao *interdito*, ele passa a buscar a mesma coisa no mundo. Note-se porém, que a busca não muda, o intento não muda ele apenas se desloca. O sujeito busca, em última análise, deixar de ser dividido.

Uma vez que Lacan assevera que a linguagem não pode constituir um conjunto fechado e que não há possibilidade de universo no discurso, permanecendo algo sempre à margem (Cf. LACAN, 2008b, p. 26); ele insiste nesta condição paradoxal que diz de um eterno fracasso na busca por significar. O movimento do *desejo* é este de tentar significar, costurar, simbolizar e assim sorver, dentro do possível, algum tipo de satisfação dos objetos que o mundo apresenta.

Retomamos que Lacan propõe que esta divisão ocorre logo após o atravessamento por este significante primeiro. Com efeito, conforme demonstramos, no preciso momento em que o sujeito passa pela adição com o significante, ele *fixa* a sua parcela não significada no *grande Outro*. Ora, o que é este processo se não um processo de *divisão* em sua forma mais pura e clara? O atravessamento pelo significante faz com que o sujeito passe por um processo em que uma parte sua é, de certa maneira, extirpada e colocada imediatamente no *grande Outro*.

Paradoxalmente, o que esta dinâmica não mostra em um primeiro momento e o que o sujeito também não se dá conta, é que esta parte que é *fixada* no *grande Outro*, em última análise, nunca existiu. Ora, e o que é a função do *interdito* se não o atestado de que isto não existe? Ou a declaração que o *grande Outro* dá de sua própria *inconsistência*? Dito de outra maneira, o que é o *interdito* se não a prova que o próprio *grande Outro* oferece de que não tem aquilo que poderia proporcionar a *integração absoluta* ao sujeito? É isso que a leitura que fizemos da narrativa das Sagradas Escrituras nos esclareceu.

Na medida em que analisamos a narrativa por este viés, colocando Yaweh no lugar do *grande Outro* e Adão no lugar do sujeito, concluímos que o destino de Adão não poderia ter sido outro que não a saída do paraíso. Evidentemente que a narrativa não nos possibilita analogias com o momento de atravessamento pelo significante. Entretanto, ela nos proporciona mostrar a *inquietante* função do *interdito*. *Inquietante* na medida em que é o que coloca o sujeito em movimento para além dos *domínios do grande Outro*. É ela que proporciona a necessária *sobreposição de faltas* explicada por Žižek. Ora, para se por em movimento, o sujeito precisa de algo que o *instigue*, que o *inquieta* que o impulse a sair de determinada posição ou de abandonar determinado intento infrutífero. Dito de outro modo, nossa leitura da narrativa mostra que Yaweh atesta sua própria *inconsistência* ao proibir Adão de comer da fruta da *árvore do bem e do mal*. O *grande Outro*, neste instante, mostra que tem algo que não pode dar ao sujeito. Afirmando e solidificando assim uma impossibilidade com a qual o sujeito já havia se deparado outrora, paradoxalmente, autorizando o emergir do seu *desejo* e o desenrolar de seu movimento no mundo. Por este motivo, concluímos que não haveria outra possibilidade de destino para Adão que não o abandono do paraíso. Ante a prova da inconsistência do *grande Outro*, o sujeito Adão inicia seu movimento em busca dos objetos no mundo.

Mas como se dá esta busca? Como o sujeito proposto por Lacan vivencia, experimenta o próprio *desejo*? Paradoxalmente, através desta tentativa de *integração*. Mesmo o *grande Outro* tendo mostrado esta *integração* como impossível, o sujeito não deixa de buscá-la e assim se movimenta no mundo significando, simbolizando, deslizando entre objetos que ele coloca no lugar daquele objeto que ele acredita ter *perdido* outrora. Relembramos que Lacan afirma que o *desejo surge no momento em que encarna em uma palavra*. Ou seja, no próprio ato da significação, da simbolização. Na medida mesma em que o sujeito dá palavras aos objetos que encontra no mundo, ele também experimenta o seu desejo. Com efeito, é neste contínuo processo de significação de objetos que se mostra, essencialmente, a *tentativa de integração*.

Desta forma, concluímos que o sujeito lacaniano é, desde o momento em que recebe seu nome, uma *entidade dividida* na qual a proporção de suas duas parcelas é impossível de ser mensurada. Sua localização exata em alguma dessas parcelas (ou entre elas) tampouco pode ser atribuída com clareza. A eficácia de seu processo de constituição se dá, paradoxalmente, em virtude de uma *insuficiência* da linguagem seguida da constatação da *inconsistência* de quem lhe forneceu esta linguagem. Por fim, o funcionamento de sua estrutura se dá em decorrência da contínua tentativa *fadada ao fracasso* de desfazer a divisão que o fez sujeito...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. M. **Nietzsche e Freud: eterno retorno e compulsão à repetição**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. **A memória, o esquecimento e o desejo**. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

DESCARTES, R. **Discurso sobre o método e princípios da filosofia**. Trad. Norberto de Paula Lima. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

DOSTOIÉVSKI, F. **Noites brancas**. Trad. Natália Nunes. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GÊNESIS. In: **Bíblia Sagrada**. Trad. Ludovico Garmus. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

KAFKA, F. **O processo**. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan**. Trad. Vera Ribeiro, Maria Luiza X. De A. Borges; consultoria, Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1996.

LACAN, J. (1953/54). **O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. Trad. Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1983.

_____. (1955/1956). **O Seminário, Livro 3: As psicoses**. Trad. Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1985.

_____. (1956/1957). **O Seminário, Livro 4: A relação de objeto**. Trad. Dulce Duque Estrada; revisão, Angelina Harari. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1995.

_____. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro; revisão técnica, Antonio Quinet e Angelina Harari; preparação de texto, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1998.

_____. (1957/1958). **O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente**. Trad. Vera Ribeiro; versão final, Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1999.

_____. (1962/1963). **Le Séminaire, Livre X: L'angoisse**. Paris: Seuil, 2004.

_____. (1962/63). **O Seminário, Livro 10: A angústia**. Trad. Vera Ribeiro; versão final, Angelina Harari; preparação de texto, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2005.

_____. (1957/1958). **O Seminário, Livro 7: A ética da psicanálise**. Trad. Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2008a.

_____. (1966/67). **O Seminário, Livro 14: A lógica do fantasma**. Trad. Amélia Lyra et al. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 2008b. Inédito.

_____. (1954/55). **O Seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Trad. Marie Christine Laznik Penot; colaboração, Antonio Luiz Quinet De Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2010.

_____. (1958/1959). **Le Séminaire, Livre VI: Le désir et son interprétation**. Paris: Éditions de La Martinière, 2013.

_____. (1961/62). **O Seminário, Livro 9: A identificação**. Trad. Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 2014. Inédito.

_____. (1958/59). **O Seminário, Livro 6: O desejo e sua interpretação**. Trad. Claudia Berlinder; versão final, Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2016.

NASIO, J. D. **Os olhos de Laura**. Trad. Claudia Berlinder. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2011.

QUINET, A. **Um olhar a mais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004.

TYSZLER, J. J. **Da cena freudiana ao objeto em Lacan**. Trad. Telma Queiroz e François Tardieux. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 2014.

ŽIŽEK, S. **Bem-vindo ao deserto do real**. Trad. Paulo César Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

_____. **Lacrimaererum: ensaios sobre cinema moderno**. Trad. Isa Tavares e Ricardo Gozzi. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. **Interrogando o real**. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.